



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

VERÔNICA INÊS DE SOUSA

**COMUNIDADE QUILOMBOLA CUSTANEIRA: REFAZENDO SUA
MEMÓRIA PARA CONSTRUIR SUA HISTÓRIA.**

PICOS – PI

2015

VERÔNICA INÊS DE SOUSA

**COMUNIDADE QUILOMBOLA CUSTANEIRA: REFAZENDO SUA
MEMÓRIA PARA CONSTRUIR SUA HISTÓRIA.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em história, da Universidade Federal do Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para a obtenção do diploma de Graduação em História. Elaborada sob orientação do Profº. Ms. Mairton Celestino da Silva.

PICOS – PI

2015

FICHA CATALOGRÁFICA
Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo

S725c Sousa, Verônica Inês de
Comunidade quilombola custaneira: refazendo sua
memória para construir sua história / Verônica Inês de Sousa. –
2014.
CD-ROM : il; 4 ¾ pol. (79 f.)

Monografia(Licenciatura Plena em História) – Universidade
Federal do Piauí. Picos-PI, 2014.

Orientador(A): Prof. MSc. Mairton Celestino da Silva

1. Quilombola. 2. Cultura. 3. Identidade. 4. Religiosidade. I.
Título.

CDD 981 22

VERÔNICA INÊS DE SOUSA

COMUNIDADE QUILOMBOLA CÚSTANEIRA: REFAZENDO SUA
MEMÓRIA PARA CONSTRUIR SUA HISTÓRIA.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em história, da Universidade Federal do
Piauí, Campus Senador Helvídio Nunes de
Barros, como requisito parcial para a obtenção do
diploma de Graduado em História. Elaborada sob
orientação do Profº. Ms. Mairton Celestino da
Silva.

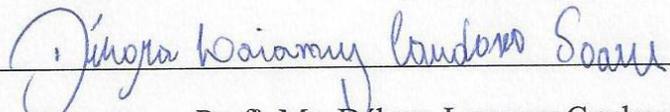
Data de Aprovação: 09 / 03 / 2015

BANCA EXAMINADORA



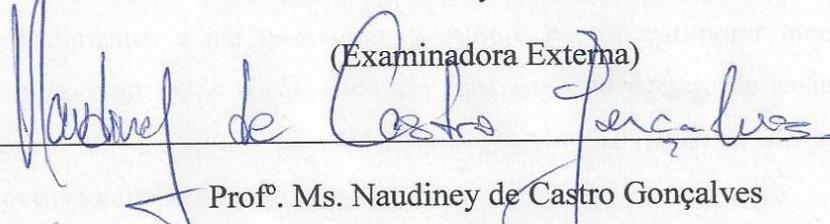
Profº. Ms. Mairton Celestino da Silva

(Orientador)



Profª. Ms. Débora Layanne Cardoso Soares

(Examinadora Externa)



Profº. Ms. Naudiney de Castro Gonçalves

(Examinador Interno)

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por que foi Ele quem plantou em mim esse sonho que agora se transforma em realidade e se fez presente nos meus momentos de angústia e incertezas e me deu a força de batalhar e a perseverança para que eu não desistisse diante das dificuldades, a Ele Toda honra e toda glória, por que Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas.

Agradeço a minha família meu Pai Francisco, a minha mãe Inês Benigna e minhas irmãs Aparecida e Patrícia que me motivaram a correr atrás dos meus sonhos, me dando total apoio, me incentivando em todos os momentos a prosseguir levantar a cabeça olhar à frente e ir a luta.

As minhas amigas Daniele, Cláudia Raiane, Erisvânia e Leidiana, que nesse percurso estiveram ao meu lado em todos os momentos me impulsionando a seguir. Compreenderam minha ausência em alguns momentos que precisaram da minha presença e não pude estar próxima pela dedicação a pesquisa. E de modo especial, a minha amiga Maria Marques que é pra mim um exemplo de força e dedicação profissional e tanto me incentivou a seguir na carreira docente.

Sou grata a família da minha prima Eliana pelo apoio e acolhimento em sua casa. Meu muito obrigada aos meus amigos da PJ pela oração e consolo nos dias difíceis, em especial Hortência, Irmã Liliane, Irmã Tomelina e Jefferson e Ramone.

Ao meu namorado e Amigo Pablo Henrique, pela confiança em mim depositada, e a paciência, compreensão e carinho que sempre se fizeram presentes. Pelas palavras de consolo em meio ao choro e inquietação da minha parte. Como ele mesmo sempre diz: “Paciência, eu sei que é difícil, mais vai dar tudo certo”.

Aos mestres Ana Paula Cantelli, Gleison Monteiro, José Lins, Johny Santana, Raimundo Lima, Rivaldo Campos e Olivia Candeia, que muito contribuíram para ampliar os meus conhecimentos e me motivaram a sempre buscar aprimorar meu desenvolvimento. Aprendi muito com todos vocês, cada um com seu jeito próprio de ensinar e desenvolver a aprendizagem da disciplina ensinada. Sou grata pelas palavras de incentivo e por se mostrarem disponíveis sempre que precisei.

Agradeço a todos meus colegas de turma, em especial Ana Paula Sousa, Bibiana Rocha, Edmar Holanda, Paulo Roberto e Priscila Nascimento, pelo companheirismo, pela

cumplicidade e pelos momentos de alegria, de tristeza, de angústia, compartilhados no decorrer do curso. Espero sinceramente que não deixemos que o tempo apague esses momentos que dividimos uns com os outros e que possamos levar essa amizade pro resto das nossas vidas e não somente durante o período do curso.

Ao professor Mairton meu orientador, ao qual agradeço principalmente por me ajudar a reconhecer os meus erros e me ajudar a fazer bem mais que consertá-los, superá-los. Agradeço pelos momentos de dedicação e paciência, por compreender os momentos de dúvida e medo.

Obrigada pela força e apoio nos momentos de desânimo e de stress. Obrigada pela parceria, por compartilhar comigo os seus saberes e as suas valorosas experiências. Foi muito especial te conhecer e tê-lo como meu orientador. Espero, sinceramente, que ainda possamos compartilhar mais experiências, pois, pessoas especiais que passam por nossas vidas, devemos preservá-las.

Porém meu agradecimento profundo é aos moradores da Comunidade Custaneira, Paquetá –PI, por ter despertado em mim o desejo de realizar este trabalho, pela disponibilidade e carinho com que me receberam, pelo acolhimento e disponibilidade em colaborar com a pesquisa. Que Deus abençoe cada um: Arnaldo (Naldinho), Francisca, o pequeno Lucas, Mateus, Dona Rita, Neide, Minha amiga Diana e o seu filho Kauã, Felipe, Ana Maria, Mãe Maria, sem a participação de vocês seria impossível a realização da pesquisa e mais uma muito obrigada pela credibilidade e pelo aprendizado adquirido e compartilhado por meio de seus saberes e fazeres quilombolas.

De tudo ficaram três coisas:

A certeza de que estamos sempre começando

A certeza de que precisamos continuar

A certeza de que seremos interrompidos antes
de terminar

Portanto devemos:

Fazer da interrupção um novo caminho

Da queda, um passo de dança

Do medo, uma escada

Do sonho, uma ponte

Da procura, um encontro...

(Fernando Pessoa)

RESUMO

O presente trabalho se propõe a construir uma narrativa dentre outras possíveis, do processo de formação da comunidade quilombola Custaneira, buscando compreender suas reminiscências identitárias, suas histórias de luta e resistência, bem como sua religiosidade e suas manifestações culturais. Trata-se de uma pesquisa direta realizada junto a moradores da comunidade e pesquisas bibliográficas. A utilização de fontes orais se fez crucial para o desenvolvimento dos argumentos que se seguem, uma vez que as fontes documentais são extremamente limitadas. Através delas notamos como as idéias e conceitos tocantes a comunidades quilombolas, religiosidade e manifestações culturais foram adaptadas à realidade dos moradores da comunidade quilombola Custaneira.

Palavras-chave: Cultura, Identidade, manifestações culturais, religiosidade, tradição.

ABSTRACT

This paper aims to construct a narrative among other possible , the training process of the maroon community Custaneira , trying to understand its identity reminiscences, their stories of struggle and resistance , as well as their religious and cultural expressions . This is a direct survey of community residents and library research . The use of oral sources became crucial to the development of the following arguments , since the document sources are extremely limited . Through them we see how the ideas and concepts touching the maroon communities, religious and cultural events have been adapted to the reality of living in the maroon community Custaneira .

Keywords: Community maroon Custaneira, Culture , Identity, Incelências , cultural events , religion, tradition .

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01	Relação de Escravos na Província do Piauí.	23
Imagem 02	Igreja do Sagrado Coração de Jesus.....	31
Imagem 03	Procissão da Sexta-feira Santa	33
Imagem 04	Chegada da procissão na Igreja Sagrado Coração de Jesus.....	34
Imagem 05	Roda de lezeira	35
Imagem 06	Boneco representando Judas e brincantes	36
Imagem 07	Cercado com pertences do Judá e vigias.....	36
Imagem 08	Classificação de Santos e Orixás	44
Imagem 09	Salão de Umbanda	46
Imagem 10	Roda de Lezeira.....	53
Imagem 11	Homens vestidos de caretas	57
Imagem 12	Imagem de São Gonçalo.....	59

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. CAPITULO I – COMUNIDADE QUILOMBOLA CUSTANEIRA	18
1.1. Esboço histórico da formação da Comunidade quilombola Custaneira	19
1.2. Aspectos sócio-identitários da Comunidade quilombola Custaneira	27
2. CAPITULO II - RELIGIOSIDADE	30
2.1. Festas religiosas	32
2.2. Incelências	37
2.3. O Saber Ambiental	41
2.4. Umbanda.....	42
3.CAPITULO III -MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA CUSTANEIRA	48
3.1. Lezeira: dançar com o corpo e com a mente	49
3.2. Reisado: “A arte de festejar Reis”	55
3.3. São Gonçalo.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	62
REFERÊNCIAS.....	64
AENEXOS.....	67

INTRODUÇÃO

O desejo de estudar o processo de formação e permanência da comunidade quilombola Custaneira partiu de vivências e inquietações pessoais. Meus pais e meus avós sempre tiveram o costume de assistir apresentações de Reisado e São Gonçalo e me levavam junto com eles o que fez com que eu me apaixonasse desde criança pelas manifestações artísticas da cultura negra. Na medida em que fui crescendo, crescia junto comigo o interesse em conhecer melhor a história dessas manifestações. Ao ingressar no curso acadêmico de Licenciatura Plena em História na Universidade Federal do Piauí esse interesse se transformou em algo concreto um trabalho acadêmico que tratasse das manifestações culturais e também sobre o povo negro que as executavam.

Passei então a pesquisar sobre os povos que mantinham vivas essas manifestações culturais, foi então que tive meu primeiro contato com meu objeto de estudo a comunidade quilombola Custaneira. Em março do ano de 2013 os moradores da comunidade tinham sido convidados para trazerem os grupos de Reisado e Lezeira para se apresentarem na igreja do local onde resido. Já tinha tido a oportunidade de ver apresentações de outros grupos mais este me encantou completamente. Antes do término da apresentação da roda de lezeira, segunda apresentação da noite, o mestre Naldinho chamou algumas pessoas para entrar na roda e dançar junto com eles, não pensei muito e logo entrei na roda, a batucada do tambor me fazia sentir uma emoção inexplicável e decidi que seria sobre esse povo e sua comunidade que eu iria escrever.

A temática foi nesse momento definitivamente selecionada e quando me foi solicitado no sétimo período da graduação o projeto de pesquisa eu já a tinha definido e iniciaram-se então as pesquisas que se deram primeiramente através de conversas informais com o representante da comunidade o Arnaldo, conhecido como Naldinho e leituras bibliográficas relacionadas a temática. Os paralelos com a atualidade e anterioridade surgem no decorrer da escrita, mas os fatos e momentos determinantes do estudo se encontram no presente, pois a principal inquietação que me move não é apenas a de saber como esta surgiu, mas analisar elementos importantes que foram determinantes para a sua permanência.

Construir uma narrativa acerca do processo de formação da comunidade quilombola Custaneira, buscando compreender suas reminiscências identitárias, suas histórias de luta e resistência, bem como sua religiosidade e suas manifestações culturais é o principal objetivo desse trabalho. Analisar autores que tem suas produções científicas voltadas para as

comunidades quilombolas, suas vivências cotidianas e manifestações culturais e religiosas, dentre outras linhas, são determinantes para o amadurecimento das idéias para a pesquisa. Trabalhar com as temáticas expostas exigiu um trabalho intenso, uma vez, que encontrei várias dificuldades de acesso a fontes documentais. Desse modo a história oral se fez uma grande aliada nessa trajetória.

Segundo Alessandro Portelli (2006), as fontes orais revelam as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidades, imaginário e pensamentos referentes às experiências vividas. A fonte oral pode não ser um dado preciso, mas possui dados que, às vezes, um documento escrito não possui. Ela se impõe como primordial para compreensão e estudo do tempo presente, pois só através dela podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum status político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos históricos de sua época.

Desse modo podemos dizer que os historiadores da oralidade abrem possibilidades de ampliar nossos conhecimentos acerca das relações entre história e memória, assim como dos imaginários e mentalidades individuais. A história oral, enquanto método e prática do campo de conhecimento histórico, reconhece que as trajetórias dos indivíduos e dos grupos merecem ser ouvidas, também as especificidades de cada sociedade devem ser reconhecidas e respeitadas.

Através das entrevistas realizadas com os moradores da comunidade quilombola Custaneira foi possível compreender como se deu o processo de formação, suas reminiscências identitárias, bem como as emoções e os sentimentos, as dificuldades presentes no cotidiano, as lutas e a importância dos grupos culturais que mantém viva as tradições da comunidade.

O testemunho dessas pessoas configura-se fonte imprescindível para o desenvolvimento da pesquisa, proporcionando captar para além das representações e práticas que deram um lugar social a essa comunidade. A história oral torna-se mecanismo valioso no processo de releitura da identidade cultural da comunidade, oportunizando a manifestação de variadas versões concernentes à formação e permanência da comunidade quilombola Custaneira.

Importa também dizer que as fontes, não obstante serem necessárias ao trabalho do pesquisador/historiador são em primeiro lugar, representações do real e não o real

propriamente. Portanto, é preciso ter bastante cuidado no manejo com as mesmas, problematizando e refletindo sempre o que está nelas representado e porque e como está representado. Com base teórico-metodológica o trabalho também está fundamentado na história oral, a qual é vista da seguinte forma por Amado e Ferreira (2006):

Poucas áreas atualmente têm esclarecido melhor que a história oral o quanto a pesquisa empírica de campo e a reflexão teórico-metodológica estão indissociavelmente interligadas, e demonstrado de maneira mais convincente que o objeto histórico é sempre resultado de uma elaboração: em resumo que a história é sempre construção. (AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. 2006.)

A história oral é concebida por Freitas (2002) como “um método de pesquisa que utiliza a técnica da entrevista e outros procedimentos articulados entre si, no registro de narrativas da experiência humana”. Segundo a autora citada a história oral é o método mais adequado para abordar a “narrativa da experiência humana” por meio de recursos eletrônicos, esse método se torna fonte e técnica na produção de conhecimentos.

Ainda sobre história oral Alessandro Portelli (1996) coloca o seguinte:

Representações e fatos não existem em esferas isoladas. Representações se utilizam dos fatos e alegam ou não que são fatos. Os fatos são reconhecidos e organizados de acordo com as representações; tanto quanto representações convergem na subjetividade dos seres humanos e são envoltos em sua linguagem. Talvez essa interação seja o campo específico da história oral que é contabilizada como história dos fatos reconstruídos, mas também aprende em sua prática de trabalho de campo ideológico e na confrontação crítica com a alteridade dos moradores, a entender as representações.

As entrevistas nos possibilitam reconstruir dados e informações que nunca foram escritas, mas permanecem na memória individual e coletiva das pessoas que viveram determinados momentos importantes de sua história. No entanto é necessário pontuar algumas nuances à respeito da memória e de sua relação com a história. Segundo Thompson:

[...] a história oral pode dar contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON,1992,p.17)

Desse modo a história oral centra-se na memória humana e sua capacidade de rememorar o passado enquanto testemunha o vivido. Podemos entender a memória com a

presença do passado, como uma construção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, nunca em sua totalidade, mas parciais em decorrência dos estímulos para a sua seleção. Não é somente a lembrança de um certo indivíduo, mas de um indivíduo inserido em um contexto familiar ou social, por exemplo, de tal forma que suas lembranças são permeadas por inferências coletivas moralizantes ou não.

Sobre memória e sua relação com a história, Le Goff (2003) a define da seguinte forma: “a memória na qual cresce a história que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro.”

Para Maurice Halbwachs (2004), toda memória é coletiva, e como tal, ela constitui um elemento essencial da identidade, da percepção de si e dos outros. Vale, portanto, dizer que, de certa forma, filtramos nossas lembranças, ativando aquilo que queremos, que nos é significativo. Talvez não possamos impedir que certas lembranças floresçam, mas podemos controlar a forma como essas lembranças sairão da esfera do íntimo, do privado, e ganharão vida própria no público.

Ainda segundo o mesmo autor:

Uma ou muitas pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstruir toda a sequência de nossos atos e palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de tudo isso. (HALBWACHS, Maurice. 2006, p. 224)

A memória se coloca como elemento constituinte do sentimento de identidade, pela sua importância no sentido de continuidade e coerência, de uma pessoa ou de um grupo na construção de si. Convém salientar que a relação com o passado, feita através da faculdade da memória, possibilita a compreensão do processo de formação identitárias, bem como a reconstituição dos comportamentos, valores e sensibilidades de grupo.

A memória é, portanto, uma evocação do passado. É a capacidade que o homem tem de salvaguardar o tempo passado reconstituindo comportamentos e sensibilidades de uma época. A memória assegura a nossa identidade, o que somos e fazemos, ou seja, a memória não é um simples lembrar ou recordar, mas revela uma das formas fundamentais de nossas existências, que é a relação com o tempo, com aquilo que está invisível, ausente e distante, Istoé, com o passado.

Sobre as entrevistas, estas foram realizadas com base em um roteiro previamente elaborado, mas que esteve sempre muito flexível à memória e a fala dos entrevistados. É importante ressaltar que muitas vezes a pessoa entrevistada nos introduz importantes questões não previstas no roteiro original, o que resulta em um enriquecimento da pesquisa. É interessante destacar que no decorrer do processo de coleta de dados, a partir dos depoimentos dos participantes alguns desdobramentos vão surgindo, e por isso às vezes é necessário mudar de estratégia, para melhor adequar o trabalho e manter a fidelidade dos fatos e acontecimentos.

Durante a conversa é possível perceber que elas narram a partir do seu próprio passado e presente, as experiências pessoais vivenciadas. O exercício maior é compreendermos os significados atribuídos a esse passado no momento presente das pessoas. As falas dos entrevistados são de grande importância, pois além de reconstruírem a história através da manifestação da memória individual proporcionam aos sujeitos uma chance de socializar aquilo que tanto silenciaram. Para Portelli essa subjetividade representa a própria história:

O principal paradoxo da História Oral e das memórias, é de fato que as fontes são pessoas, não documentos, e que nenhuma pessoa que decida a escrever sua própria autobiografia (como é o caso de Frederick Douglas) que concorde em responder uma entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos ou podem estar a disposição da filosofia dos outros nem seria capaz de fazê-lo, mesmo que o quisesse. (PORTELLI, Alessandro. 1996, p. 02)

A partir do roteiro previamente elaborado, no qual foram inseridas questões de interesse particular e que me instigaram a conhecer a história da comunidade, podemos perceber que nas entrevistas serão levados em consideração aspectos que tocam as experiências pessoais relacionadas à família, trabalho cotidiano, dentre outros. Para composição desta pesquisa as entrevistas, foram de imensurável relevância, pois representaram uma fonte histórica que permitiram o acesso à memória dos agentes sociais envolvidos.

Desse modo as entrevistas podem e devem ser utilizadas por pesquisadores e historiadores como fontes de informação e segundo Amado (1995) devem ser tratadas como qualquer outro documento histórico, sendo submetidas a comprovações e análises para fornecerem pistas e informações concretas, sendo estas impossíveis de serem adquiridas de outras formas dependendo do caso.

Na presente pesquisa em todas as visitas à comunidade também foram tiradas muitas fotografias dos sujeitos da pesquisa, locais da comunidade e algumas filmagens das manifestações culturais e religiosas. Além disso, foram cedidas por alguns entrevistados, fotos antigas de suas famílias.

De acordo com Simon, Park e Fernandes (2001), é possível trabalhar com histórias de vida por meio de imagens e fotografias, o que pode contribuir para uma ressignificação dos modos de vidas locais. Para as autoras:

[...] a imagem possibilita representar o espaço físico da comunidade efetuando-se fotos do local, e em contrapartida, também possibilita reconstruir a memória histórica, espacial e temporal, a partir de fotos antigas pertencentes aos moradores do local e a produção desse conhecimento ocorre dentro dos parâmetros da educação e não formal, pois, estes possuem caráter participativo voluntário e pouco hierárquico, ao mesmo tempo em que promovem a socialização e a mudança social. (SIMON, PARK, FERNANDES, 2001, p.282)

Desse modo, discorrer sobre fatos e acontecimentos pode ser facilitado quando visualizamos os lugares, as pessoas, por meio das fotografias e das filmagens realizadas no decorrer de todo o processo de observação e de coleta de dados. Identificamos e lembramos melhor dos acontecimentos ao consultarmos o material coletado, vivenciamos cada momento, quando revemos as fotos e filmagens.

As fotografias e filmagens realizadas na presente pesquisa, no entanto, não foram utilizadas como documentos históricos, mas sim como suporte para a contextualização e ilustração dos locais da comunidade, suas manifestações religiosas e culturais.

Um ponto a ser ressaltado de forma especial na pesquisa em história oral é o relacionamento do pesquisador com o pesquisado. Faz-se necessária a construção de um vínculo afetivo entre os participantes da proposta trabalhada visando a elaboração de práticas significativas para a população envolvida. Segundo as autoras citadas acima. Os “acordos” sobre essa relação são respeitados pelos pesquisadores. É o caso de se considerar o trabalho como uma *parceria, colaboração mútua* entre as partes (SIMSON; PARK; FERNANDES, 2001). As ações podem ser combinadas previamente, negociadas entre os pares. A Organização faz parte de todo o processo da pesquisa.

A pesquisa monográfica está estruturada da em três capítulos. No primeiro descrevo o contexto demográfico da comunidade com o objetivo de mostrar o percurso inicial que fiz até conhecer a comunidade. Faço em seguida uma contextualização da escravidão no Piauí, do

surgimento das comunidades quilombolas e apresento o contexto histórico da formação da comunidade quilombola Custaneira, mediante breve histórico. Trato sobre a organização sócio-espacial da comunidade, destacando a formação familiar e a organização comunitária. As relações de parentesco e as categorias de territorialidade, trabalho e lida foram determinantes para a apreensão das condições de existência da comunidade, definindo os laços de solidariedade e partilha entre os moradores. Essas relações contribuem para a demarcação espacial e dinâmica social internamente e externamente à comunidade.

No segundo capítulo apresento as formas de interação social e expressão simbólica presente nos aspectos da religiosidade, enfatizada na prática costumeira da celebração do Sagrado Coração de Jesus, nos benzimentos, nas rezas de novenas e incelências, terços e comemoração da Semana Santa, assim como no manuseio de plantas e ervas medicinais. Analiso algumas letras das incelências: cantigas cantadas em sentinelas. Procuo mostrar também alguns traços de religiões de matriz africana como a Umbanda, uma vez que muitos moradores da comunidade se denominam umbandistas e participam dos cultos realizados no salão de umbanda que se localiza próximo a comunidade. È valido ressaltar que a escrita das letras das incelências se mantém fiel a forma de falar dos entrevistados.

No terceiro capítulo falo sobre as manifestações culturais da comunidade. O destaque é para a Lezeira manifestação cultural secular preservada pelos moradores da comunidade e reconhecida por eles como a marca identitária da comunidade. Analiso também alguns versos das canções cantadas na roda de Lezeira. Um dos instrumentos metodológicos para realização da pesquisa foi a observação participante, o que significa que o pesquisador se deslocou para o contexto físico onde ela ocorreu e assim possibilitou “[...] a coleta de dados e informações através dos olhos dos pesquisados” (MARTINS, 2006,p.26). O referido autor ainda complementa e assevera que: “o papel do observador participante requer ao mesmo tempo desprendimento e envolvimento pessoal”. Para tanto foi realizada uma pesquisa de campo em três etapas que foram essências para se conhecer com mais profundidade a comunidade quilombola Custaneira e descobrir os processos de suas manifestações culturais. Este capítulo é, portanto, destinado a analisar a parte mais específica da pesquisa, aquilo que sempre foi um objeto de desejo acadêmico e pessoal.

Ao realizar esse estudo cheguei ao resultado final que me proporcionou muita satisfação e deixo como sugestão que a comunidade quilombola Custaneira merece ter um livro publicado contando toda sua trajetória histórica.

CAPITULO I – COMUNIDADE QUILOMBOLA CUSTANEIRA

Uma paisagem de carnaubais que cintilam sob a luz do sol aos poucos faz desaparecer o barulho da cidade, dando espaço ao canto dos pássaros e o som dos galhos das arvores que se agitam com o vento. Os montes que a rodeiam dão a impressão de que cercam o lugar. O verde misturado ao amarelado e avermelhado das diversas rochas espalhadas e por vezes empilhadas ao redor da estrada ressalta que o pulsar da vida se faz presente naquelas matas.

Na medida em que se desce a ladeira da estrada a exuberante paisagem parece se expandir e nos envolver dentro dela. Logo mais à frente o poço que jorra constantemente, mostra a abundância de água em contraste com a seca que assola a região. Há alguns metros da estrada está a casa grande que outrora fora a Fazenda Buritizinho e abrigara um grande dono de terras que detinham poder, posse de animais e escravos, e agora está abandonada.

A passagem por um riacho que em períodos chuvosos passa por cima da estrada nos permite imaginar que a mesma água que ali corre, em épocas passadas servia tanto para matar a sede dos animais quanto dos negros que por ali passavam. Uma subida nos permite ver um caminho que leva a comunidade que por sua vez está no alto de um morro, mesmo lugar onde se localizava a senzala.

A localização da senzala permitia que os negros vissem o que acontecia na casa grande, já os seus moradores não desfrutavam da mesma visão uma vez que estavam na parte de baixo do morro. Percebe-se, por tanto, que ao invés do senhor observar os seus escravos eram os negros que o observavam.

A primeira coisa que se vê ao entrar na comunidade é a pequena igreja na parte mais alta do morro, e muitas arvores ao redor. Na parte baixa algumas casas, umas de pau a pique, outras cercadas com cercas feitas de madeiras, um salão aberto coberto por palhas, algumas cisternas para abastecimento d'água nas casas e alguns animais como bodes e porcos que correm soltos fora dos cercados.

Os rostos das pessoas encontradas ali revelam uma mistura entre povos africanos e povos indígenas. Alguns negros altos e fortes e olhos escuros evidenciando os traços físicos dos muitos escravos que passaram por essas terras piauienses, outros morenos também altos e fortes, de olhos claros, com tons muito parecidos com a cor amarelada do mel mostram traços físicos dos indígenas que também habitaram o Piauí. E ainda negros com olhos verdes ou azuis deixando evidente que no período em que houve a escravidão na região ocorreu a

exploração do negro africano e do índio e relações entre eles que resultaram em uma miscigenação. Uma mistura de raça, credo e cor que resultou na singularidade de raças existentes no Brasil.

A comunidade trata-se de um vilarejo que encanta a todos por sua beleza natural e suas manifestações culturais e religiosas, a mesma é formada por 20 casas e 130 moradores. Anualmente recebe vários visitantes que vem prestigiar suas festas religiosas e momentos culturais, também é notável o número de pesquisadores que desenvolvem ou já desenvolveram algum tipo de pesquisa sobre a mesma.

1.1 Esboço histórico da formação da comunidade quilombola Custaneira

A história da comunidade Custaneira se baseia em relatos orais. Através das memórias dos seus habitantes é possível perceber as peculiaridades daquela comunidade, suas relações de parentesco, que, a princípio, se re/afirmam por meio dos casamentos/uniões estáveis entre primos, e pessoas próximas à família da mulher. Dessa maneira, a lógica de funcionamento e de preservação das identidades da comunidade estão intimamente vinculadas aos laços de afetividade que se constituem entre as poucas famílias dessa comunidade quilombola. Para os outros - em geral os habitantes da cidade de Paquetá e Santa Cruz do Piauí - os traços físicos dos habitantes da comunidade quilombola Custaneira torna-se bastante peculiar e uma das razões é exatamente os relacionamentos e uniões conjugais entre os próprios quilombolas.

A comunidade Custaneira localiza-se próximo à cidade de Paquetá, uma pequena cidade localizada a 25km de Picos, a mais influente das cidades do sul do Piauí, e tem uma população de 4.147 habitantes. Em termos comparativos, a comunidade quilombola Custaneira possui um total de apenas 130 habitantes. Reconhecida e titularizada pela Fundação cultural Palmares (FCP), seus habitantes dividem-se em 20 casas, distribuídas entre casas de taipa e de alvenaria. A atividade agrícola dos moradores basicamente se restringe à produção de arroz, feijão e milho. Segundo nos informa Arnaldo de Lima, um dos moradores da comunidade. Dentre as atividades culturais praticadas pelos quilombolas estão as incências, Reisado, São Gonçalo e a peculiar Lezeira. Sua estrita relação com a cultura negra é o que define, segundo os próprios quilombolas, as práticas festivas e religiosas dessa comunidade.

A formação da comunidade insere-se assim no contexto da resistência a escravidão negra usada como suporte no desenvolvimento da economia no Estado do Piauí e no Nordeste brasileiro. Cabe, pois, trazer algumas breves considerações acerca do trabalho escravo negro no Piauí. Inicialmente deve se ressaltar como se deu a colonização deste estado.

O Piauí tem sua formação no século XVII com o adentramento nos sertões, movimentos que constituíram e expandiram as fazendas de gado e o domínio colonial português. Atraídos pela largueza das terras, pela abundância dos rios – condição propícia para a criação de gado – contingentes de desbravadores se espalharam pela área intermediária entre a bacia do Rio São Francisco e a região do Maranhão. Tornaram-se donos de currais, expulsaram e dizimaram as populações indígenas, conquistaram as terras e constituíram as elites locais que se mantiveram secularmente a frente da organização política e social aristocrática e interiorana que marcou a história desse espaço.

Desse modo, pode-se dizer que foi o interesse pelas terras do sertão que levou pessoas a implantarem currais que iam se instalando rapidamente nas terras próximas aos rios. As fazendas foram se formando à medida que o rebanho crescia. Os primeiros escravos do Piauí foram os índios, estes foram utilizados como braço escravizado nas fazendas e vilas como mercadoria de compra e venda.

As populações indígenas existentes no Piauí foram em sua maioria dizimadas pela ação dos bandeirantes que expulsavam e destruíam as tribos existentes na região. Os índios sobreviventes ficavam sob o domínio dos conquistadores e eram utilizados no processo de conquista ou na agricultura, garantindo a subsistência e manutenção das tropas dos bandeirantes. Outros eram vendidos em outras colônias.

Os criadores de gado também fizeram parte da perseguição dos indígenas, assumindo um comportamento parecido com o dos bandeirantes como aponta Tânia Brandão (1999):

Nessa fase muitos criadores de gado desenvolveram a atividade apresadora de nativos, conciliando-a conquista de novas terras e a própria pecuária. Assim dentre os capturados, alguns foram reduzidos ao cativeiro nos próprios currais que nesta ocasião eram instalados. Outros eram transferidos para outras localidades para serem vendidos. (BRANDÃO, Tânia.1999, p.158)

Apesar da ação dos jesuítas que tentavam proteger os indígenas, o apresamento de índios continuou geralmente promovido pelos próprios governos e executadas por pessoas que tinham algum prestígio político na sociedade local. Desse modo, a escravidão indígena no Piauí vigorou de maneira significativa, sendo que o índio era utilizado no trabalho escravo nas fazendas e vilas ou no mercado como produto de compra e venda.

A medida que a fazenda prosperava, o trabalho aumentava. Quando os fazendeiros perceberam que o número de escravos indígenas não era suficiente para dar conta dos serviços recorreram também à escravidão de africanos. Os negros foram escravizados no Piauí desde a instalação dos primeiros currais até quando a abolição foi decretada no Brasil. Apesar da

negação por parte da historiografia, sobre a utilização do trabalho escravo no sertão nordestino, dados mostram que esta ocorreu, inclusive no Piauí. Segundo Tânia Brandão (1999):

A vigência da escravidão de negros africanos ou brasileiros e também de mestiços no contexto colonial piauiense é comprovada pelos dados demográficos. Segundo informações do Padre Miguel de Carvalho, em levantamento da população residente nas fazendas e sítios do Piauí no final do século XVII, os escravos predominavam na área de colonização. Esses cativos compreendiam 64,51% do total da população local e, entre eles, os negros perfaziam 74,28% e os índios 22,85%. (BRANDÃO, Tânia, 1999, p. 162)

Portanto, a escravidão não pode ser negada, pois, esta existiu e se fez presente em todos os espaços da colônia piauiense. Os escravos estavam presentes nas fazendas ou sítios rurais, bem como nas vilas e cidades. Nas fazendas eles podiam ser destinados a realizar tanto serviços domésticos nas casas, quanto na manutenção das roças e cuidados com o gado nos campos e currais. Nas vilas e cidades, onde quase não existia prestação de serviços estes se encontravam principalmente no setor doméstico das casas residenciais.

Faz-se importante ressaltar que as atividades desenvolvidas pelos escravos não se limitavam ao manejo do gado, os roçados, a construção de cercas, currais e casas eram também consideradas atividades do mundo do trabalho escravo e exigiam um esforço braçal durante o ano inteiro.

Sobre as condições do trabalho escravo no Piauí Odilon Nunes (1975) afirma que “o escravo negro do Piauí tinha vida de folgazão, especialmente o das fazendas nacionais. A presença de feitores era rara no Piauí.”

Segundo o mesmo autor:

Fazia-se o roçado apenas para a subsistência da senzala e do senhor e seus familiares, porque não havia mercado onde vender o excedente. O negro ajudava o senhor ou o vaqueiro no costeio do gado quando nas vaquejadas, ou em busca das feiras; tratava das cavalgadas, dos arreios, dos currais e cercados, chiqueirava as miunças, separava os bezerros das vacas, fazia a ordenha e cuidava das bicheiras, tudo sob as vistas do vaqueiro, ou mesmo do senhor. O trabalho doméstico absorvia em grande parte a escravaria. Dessa forma era o escravo um aspenso da família. Não tinha direitos era quase sempre estimado. Sabia retribuir com lealdade o afeto do senhor. (NUNES, Odilon. 1975, p. 241)

Desse modo o trabalho escravo no Piauí não é visto pelo autor como algo rigoroso, como ocorreu em outras regiões do Nordeste brasileiro onde os escravos eram destinados a trabalhar nas plantações de algodão e cana de açúcar sob vigilância dos feitores. A lealdade de

que fala o autor se refere a uma estratégia do escravo, que consista em manter uma boa relação com o senhor, ser fiel a ele para em troca ter mais regalias.

Mas nem sempre as relações entre senhor e escravo eram pacíficas, muitos escravos contestavam as condições em que estavam submetidos, em meio as formas de contestação destacam-se protestos, fugas, insurreições, incêndio de plantações, assassinato de senhores. Porém esses não constituíram os únicos modos de enfrentamento. Para Flávio Gomes:

Havia sociabilidades com enfrentamentos endêmicos, disseminadas no cotidiano das relações do domínio senhorial podia se dar desde a sabotagem individual na unidade produtiva, barganhas, paternalismo, rituais de poder, fugas provisórias, apadrinhamento até insurreição aberta. Forjavam-se de modo complexo e multifacetado, uma vez que homens e mulheres escravizados agenciavam sua vida com lógicas próprias entre experiências sociais concretas em cada sociedade. (GOMES, 2006, p. 8)

A organização de grupos de fugitivos, chamados no Brasil de quilombos ou mocambos, que se fizeram presentes em todas as regiões do Brasil, de diferentes dimensões e modos. “Essas regiões também conhecidas como ‘campos negros’, funcionavam como campos de possibilidades dinâmicos, catalisadores e amalgamadores de significados, idéias, ideologias, práticas e identidades” (MARTINS, 2006 apud MARTINS, 2008, p. 200). Nesses quilombos milhares de africanos e seus descendentes forjaram ou reinventaram identidades, culturas e estratégias para garantir sua liberdade.

Os quilombos permitiam um controle coletivo da terra e ações dos negros, diferentemente do que acontecia nas fazendas onde cada passo dos escravos era controlado pelos seus senhores, ou seja, eles tinham o controle sobre um determinado espaço onde poderiam desenvolver sua cultura com autonomia. Segundo Flávio Gomes (2006):

Em variadas situações, escravos fugiram, formaram quilombos, promoveram insurreições e revoltas, além de experiências multifacetadas de protesto cotidiano, nas quais incluíam formas de sociabilidade e cultura material. Procuraram, fundamentalmente, reorganizar e transformar os mundos em que viviam. Muitos desses homens e mulheres, trabalhadores escravizados – com expectativas e perspectivas variadas -, procuraram conquistar liberdades e intervir nos sentidos da escravidão. Nesse processo histórico, os significados de *liberdade* e de *escravidão* possuíam complexas dimensões constantemente reelaboradas. Examinar como os cativos viveram situações de protesto, conflito, acomodação, enfrentamento, confronto, sofrimento, alegria e dor significa compreender como reinventaram permanentemente tais significados a partir de concepções próprias. (GOMES, Flávio dos Santos, 2006, p. 248)

Para os proprietários de escravos a existência dos quilombos representava uma ameaça à autoridade e controle de suas fazendas. Só que, na medida em que os senhores e autoridades públicas buscavam reprimir os escravos que fugiam para os quilombos, os negros abriam

caminhos em torno de si para conquistar, manter e alargar espaços de autonomia no interior da sociedade escravista.

Aos poucos a escravidão foi perdendo força no Brasil. A manutenção do trabalho escravo não estava, entretanto, em harmonia com as tendências da civilização que desabrochava para o Novo Mundo. Várias medidas foram tomadas para que o tráfico negreiro fosse extinto do país, até que pressionado pela Inglaterra o Brasil aboliu o tráfico de escravos.

Posteriormente todos os conservadores tiveram de executar as etapas mais importantes no processo de abolição no Brasil. Desse modo o número de escravos no Piauí ia diminuindo progressivamente. No final década de 1880, o Piauí contava com nada mais que 16.000 escravos, divididos entre os municípios como mostra o quadro abaixo que consta no relatório de 31/12/ 1881 de um Presidente da Província Sinval Odorico de Moura:

Municípios	N.º de escravos
Teresina	2704
Valença	1859
Picos	652
União	997
Jerumenha e Manga	1051
Campo Maior	619
Parnaçuá, Sta. Filomena e Corrente	1065
S. Raimundo e S. João	1247
Piracuruca	376
Jaicós	2250
Barras	1765
Pedro II	660
Oeiras	1692
Amarante	1480
Batalha	368
Piripiri	203
Parnaíba e Amarração	821
Marvão	664
Bom Jesus	218
Total	20691

Imagem 01: Relação de Escravos na Província do Piauí. Dados do relatório de 31/12/1881.

Foto: Verônica Sousa

Segundo Odilon Nunes (1975, p. 250) “Jaicós é o município que tem maior número de escravos, o único que ultrapassa a dois mil, è, entretanto, o primeiro que proclama a emancipação total de seus escravos.”. A extinção da escravidão no Piauí não era vista como perda, pois, o que movimentava a economia do estado na época era principalmente a pecuária e o número de escravos empregados nas fazendas de criação de gado era muito pequeno, já que o serviço era feito pelos vaqueiros, considerados homens livres. Portanto, a Lei de 13 de maio de 1888, conhecida como Lei Áurea, foi recebida no Piauí de maneira festiva.

Com a abolição da escravidão no Brasil os escravos foram então libertos e sem precisarem mais fugir para os quilombos, muitos deles formaram comunidades que atualmente são conhecidas como comunidades remanescentes de quilombola, comunidades de terreiro, Comunidades negras rurais ou terras de preto, e nelas deram continuidade a vivência da sua cultura, religiosidade e luta por um espaço digno na sociedade. A comunidade quilombola Custaneira se insere, portanto, nesse contexto. Assim, conforme aponta Richard Price:

No Brasil de hoje, em locais que foram anteriormente áreas economicamente marginais, pode-se encontrar vilarejos habitados por afro-brasileiros, os quais são referidos tradicionalmente como *comunidades negras rurais* ou *terras de preto*. Suas origens são variadas – algumas foram formadas por escravos ou (ex-escravos), após a falência de uma fazenda ou plantação nas décadas confusas anteriores à Abolição, algumas fruto de doações de terras por senhores a ex-escravos, outras compradas por escravos libertos (que, em alguns casos, haviam comprado sua própria liberdade), outras doações de terras a escravos que haviam servido ao exército em tempo de guerra, ou ainda doações à escravos por ordens religiosas... O que estas comunidades de diversas origens têm em comum, fora sua “negritude”, é uma resistência de longas décadas em um território que exploram (geralmente pela caça, pesca e agricultura de subsistência) sem subdivisões e sem escritura oficial. (PRICE, Richard. 1995, p. 247)

Segundo relato dos quilombolas estima-se que a comunidade possua mais de 200 anos, tendo ocupado a região onde se instalou ainda antes da promulgação da Lei Áurea (1888), quando ocorreu a abolição da escravidão no Brasil. Desse modo, a comunidade surgiu em volta de várias fazendas existentes na região ao longo do século XIX. Possivelmente, entre as diversas fazendas, a de Buritizinho tenha sido a que daria origem à comunidade quilombola. Em uma média quinze famílias de ex-escravos ocuparam essa área e então começaram a construir suas casas e a procurar meios de sobrevivência tanto de sua gente quanto de suas culturas e tradições.

A origem do nome Custaneira se deu segundo o Arnaldo de Lima, representante da comunidade, por conta do local onde a mesma está situada se tratar de uma região com solo pedregoso e formada por muitos morros. Os antigos moradores consideravam a terra de locais como esse, que tinha muitas pedras e morros, como não sendo uma terra propícia para o plantio, por isso, afirmavam que este custaria (demoraria) para um tempo a mais que o normal para reproduzir o que ali fosse plantado, e então passaram a chamar o local de Custaneira.

O número de famílias que inicialmente não passava dos quinze foi aumentando, sendo que os casamentos aconteciam entre as pessoas de um mesmo parentesco, como relata o representante da comunidade:

Os casamentos eram com pessoas tudo da mesma família. Agora não é diferente, ainda hoje você vê todo mundo é casado com primo, com parente, raramente sai um pra casar fora ou quando sai pra trabalhar em outra cidade e por lá arruma um casamento. Mas os que ficam por aqui é tudo casado é mesmo com os daqui.
(LIMA, Arnaldo de. 39)

As comunidades remanescentes de quilombolas tendem a construir suas identidades e territórios dando total importância às relações de parentesco. Desse modo esses casamentos entre pessoas de uma mesma família configuram-se num modo de resistência e processo de construção de identidade, uma vez que os seus membros se casando com familiares estão ao mesmo tempo preservando seus laços sanguíneos e ainda sua identidade, sua cultura e tradições. Segundo Schmitt (2002):

[...] parentesco e território, juntos, constituem identidade, na medida em que os indivíduos estão estruturalmente localizados a partir de sua pertença a grupos familiares que se relacionam a lugares dentro de um território maior. Se por um lado temos território constituindo identidade de uma forma bastante estrutural, apoiando-se em estruturas de parentesco, podemos ver que território também constitui identidade de uma forma bastante fluída, levando em conta a concepção de F. Barth (1986) de flexibilidade dos grupos étnicos e, sobretudo, a idéia de um grupo, confrontando por uma situação histórica peculiar, realça determinados traços culturais que julga relevantes em tal ocasião. É o caso da identidade quilombola, construída a partir da necessidade de lutar pela terra ao longo das últimas décadas. (SCHMIDT, A et al, 2002, p. 4)

O autor nos leva a perceber que existe uma noção de que as identidades e as territorialidades quilombolas buscam reivindicar que a sociedade os veja como sendo agentes da sua própria história, uma vez que esta os coloca sempre à margem, como dominados e subalternos. O processo de resistência que no passado se dizia respeito a luta contra a escravidão, persiste até hoje na luta pelo reconhecimento de sua identidade.

Portanto,

[...] é a partir dessa posição historicamente desfavorável no que diz respeito às relações de poder, que comunidades quilombolas vêm lutando pelo direito de serem agentes de sua própria história. Em tal situação de desigualdade, os grupos minoritários passam a valorizar positivamente seus traços culturais diacríticos e suas relações coletivas como forma de ajustar-se às pressões sofridas, e é neste contexto social que constroem sua relação com a terra, tornando-a um território impregnado de significações relacionadas a resistência cultural. Não é qualquer, mas a terra na qual mantiveram alguma autonomia cultural, social e conseqüentemente, a autoestima. (SCHMIDT, A et al, 2002, p. 5)

Livres, porém sem trabalho as primeiras famílias da comunidade Custaneira, tiveram que continuar por um longo tempo morando e trabalhando nas terras que pertenciam ao dono da Fazenda Buritizinho, a mesma onde haviam sido escravizados. As famílias podiam construir suas casas, que geralmente eram feitas de barro ou palha, mas para se manter e sustentar a família os homens tinham que trabalhar na lavoura, faziam as terras produzirem e o que era colhido tinha que ser dividido com o proprietário por meio de um sistema chamado *meia* onde ambos ficavam com partes iguais.

As mulheres também tinham que trabalhar as que não iam para a roça trabalhar com o marido, iam lavar roupas nas fazendas próximas. Enquanto isso os filhos mais novos ficavam sob o cuidado dos mais velhos com idade de 10 ou 11 anos os com idade maior que 12 iam ajudar os pais nos serviços que estes executavam. Esse modo de vida perdurou até que as terras foram compradas pelos próprios moradores. O representante conta como esta aconteceu.

A terra foi conquistada através de compra. A gente negociou a terra pelo preço justo, pelo valor que era considerado pela nossa história que nós vivemos aqui e a gente conseguiu. Só que existe a negação que eles ainda não aceitam a nossa história de quilombolas, por que o povo que era os co-donos da terra, os bisavós deles tiveram senzalas e quando fala da história de quilombola e nós começa a contar a forma que nossos antepassados eram escravizados por eles aí eles negam que os bisavós e os avós deles escravizavam os negros. (LIMA, Arnaldo de. 39)

A fala do representante da comunidade Arnaldo evidencia em primeiro lugar a forma como eles vieram a terra, uma terra que os pertencia pela história que os mesmo vivenciaram nela, portanto, o sentimento sobre esse lugar e a relação com o mesmo faz com que a terra simbolize para eles um lugar de pertença. E segundo, a revolta perante a negação por parte dos proprietários de terras, da existência da escravidão sofrida pelos seus antepassados.

A comunidade se manteve inicialmente por meio da agricultura, basicamente da produção de algodão, arroz, carnaúba, feijão, mandioca e milho, bem como, a criação de animais de pequeno porte como bode, cabra, galinha, ovelha e porcos. Estes eram utilizados para consumo e para venda nos comércios da região. O cultivo de algodão e mandioca não se faz mais presente, porém, os demais são mantidos até hoje, sendo acrescentada a estes a criação de bovinos.

A produção dos alimentos nas roças e a criação de animais gados, suínos e aves ancora a autonomia da comunidade em relação a sociedade envolvente, pois necessita de poucos

insumos externos: basicamente os instrumentos utilizados no trabalho são a enxada, a foice o facão e a plantadeira. A tecnologia e as sementes são insumos que a comunidade detém e aprimora há séculos. A dimensão biológica do costume de produzir seu alimento na roça fortalece a saúde e o paladar identitário, pois oferece uma alimentação saudável e variada que se traduz na saúde e força física dos moradores da comunidade.

Existe, porém, um agravante para o bom desenvolvimento das roças: a falta de chuvas. Isso faz com que alguns moradores tenham que se deslocar para regiões próximas em busca de emprego nas plantações de carnaúba. O manejo com a palha de carnaúba exige esforço por parte dos trabalhadores e oferece muitos riscos a saúde também, principalmente para os que trabalham derrubando a palha das carnaubeiras.

No entanto, é desse trabalho perigoso que muitas famílias da comunidade tiram seu sustento no período de seca. Depois de extraída a palha de carnaúba é colocada para secar e em seguida moída se transformando numa espécie de pó que é levada para uma fábrica na capital do Estado Teresina e de lá para outros estados como Ceará e Pernambuco para ser usado na fabricação de ceras de vela e objetos de plástico. .

1.2 Aspectos sócio-identitários da Comunidade quilombola Custaneira

Em conseqüência dos estudos antropológicos da Fundação Cultural Palmares (FCP), em 2009 Custaneira recebeu a denominação de “remanescente de quilombos”, o que significa conforme o art. 2 do decreto federal nº 4887, de 20 de novembro de 2003: “grupos étnico-raciais, segundo critérios de autodistribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada à resistência à opressão histórica sofrida”.

A identificação de uma comunidade como remanescente é essencial para garantir o direito à propriedade. Para definir Custaneira como território quilombola a FCP elaborou um relatório técnico informando sobre aspectos culturais étnicos, históricos, terras suscetíveis de reconhecimento e demarcação foram delimitadas evitando posteriores questionamentos e disputas territoriais.

Segundo Jean-François Vérant:

[...] o reconhecimento do caráter “remanescente” de uma comunidade não poderia só basear-se sobre o conhecimento explícito de um passado de quilombo, tal como ele é definido por atores externos. Devem ser consideradas, também a existência de formas e de símbolos mais difusos de articulação com este passado, tais como a “consciência de uma origem comum”, o “sentimento de pertencer a um território”, o “mito das

origens”, ou a “existência de um grupo étnico”. (VERAN, Jean-François.p. 298)

Não apenas por compartilhar características físicas comuns (como a cor da pele e diferentes graus de parentesco,mas também e sobretudo por suas práticas culturais tradicionais, Custaneira é uma comunidade que se autoidentifica com o território que é parte integrante. Vale observar por esse olhar que Poutignat e Fernat (1998, p. 189), ressaltam “os grupos étnicos são categorias de atribuição e identificação realizada pelos autores e assim, tem a característica de organizar a interação entre as pessoas”.

Amorim (1998) ressalta que as comunidades remanescentes de quilombo desenvolveram ao longo de sua formação uma identidade que se define pelas experiências vividas e compartilhadas em relação a suas trajetórias históricas. Assim a identidade tem o território como referencial determinante como ponto de articulação da existência e da memória coletiva.

Em Custaneira as pesquisas ao longo do trabalho revelam que os membros da comunidade valorizam em auto grau a base familiar e os laços de amizade. A organização das atividades desempenhada muitas vezes depende da cooperação mútua. Tal fato pode ser explicado pela relação de coexistência harmoniosa entre os membros mais antigos e mais jovens, com permanente legado de histórias, tradições e experiências. O representante da comunidade comenta como se dá a forma de organização da comunidade e as partilhas de vivencias cotidianas entre seus membros:

Todos os costumes do início da formação da comunidade a gente tenta manter até hoje um dos principais é estar junto das famílias, discutir todas as ações juntos, isso foi que nos fortaleceu a ser uma comunidade organizada hoje. O costume de partilhar e contribuir um com o outro nós valorizamos e prevalecemos em nossa comunidade dentro do dia-a-dia, então a troca de experiência, da partilha, quando uma família está com mais necessidade do que outra seja qual for, espiritual ou material a gente partilha e isso vem fortalecendo a nossa comunidade. (LIMA, Arnaldo de. 39)

A Solidariedade presente na comunidade é uma característica que coloca em evidencia seus traços de uma comunidade remanescente de quilombos, uma vez que este sentimento era algo comum nos quilombos existentes no Brasil no século XIX. Conforme aponta Flávio Gomes:

[...] movidos por relações de família e parentesco baseadas em procedências comuns, escravos. Libertos, camponeses e quilombolas podem ter constituído espaços de solidariedade (não obstante tensões e conflitos) a despeito das diferenças de status. Com o controle social sobre as comunidades de senzalas (constituídas por livres, libertos ou escravos), havia – de modo geral – reduzido o espaço de mobilidade social não

obstante as hierarquias entre, homens, mulheres, cativos, libertos, crioulos e africanos, suas ocupações e parentesco. Embora houvesse níveis de relações e solidariedades (sociais, culturais e econômicas), setores camponeses negros devem ter mantido a própria identidade. (GOMES, Flávio dos Santos. 2006, p. 57)

Contudo, os moradores da comunidade quilombola Custaneira, sujeitos da pesquisa, foram reconhecidos como populações tradicionais que vivem em estreita relação com a terra e vêm, historicamente lutando pela preservação de sua cultura e garantia de seus direitos. A comunidade se organiza, social política e culturalmente, desenvolvendo ações coletivas e alguns de seus moradores apresentam uma profunda identificação com o território, a partir de uma noção de que eles são “dali mesmo”, “de uma mesma família.”

CAPITULO II – RELIGIOSIDADE

A religiosidade da maioria das comunidades tradicionais piauienses se constitui de devoções presentes e marcadas por práticas católicas inseridas dentro da liturgia cristã ou ressignificadas pelos usos populares. Antes de falarmos a respeito da religiosidade da comunidade quilombola Custaneira é necessário observarmos a separação existente entre religião e religiosidade. Segundo Adenauér Novaes (2007):

A religiosidade é uma tendência ao sagrado e não necessariamente está vinculada à adoção de uma religião pelo indivíduo, mas quando a pessoa adota determinada religião a religiosidade se adéqua, resultando ou não na estagnação da consciência. A religião impulsiona o ego em direção ao sagrado, enquanto a religiosidade impulsiona na direção da compreensão de si próprio. (NOVAES, 2007, p. 36)

Apesar de serem distintas entende-se que a religião possui uma relação íntima com a religiosidade, de modo que uma sem a outra está incompleta sobre esse assunto o autor ainda afirma que:

Uma religião que não resiste a mínima imoralidade é apenas uma convivência humana. A religião não é para formar crentes, mas para fazer evoluir consciências também de seus próprios *egos*. Religião sem religiosidade torna-se um movimento intelectual, frio e tendente a alienação. (NOVAES, 2007, p. 38)

Em virtude da religiosidade e dos festejos religiosos da comunidade quilombola Custaneira, bem como a necessidade de mostrar como se dão as práticas religiosas na mesma acreditamos que este trabalho trás informações importantes para que os leitores conheçam os costumes, as devoções e as tradições religiosas dos seus moradores e as curiosidades que envolvem suas crenças.

A religião católica é predominante na comunidade existindo também a umbanda que tem marcas de religiões de matriz africana, e a ligação com a terra está presente no cotidiano e nas tradições que se perpetuam por gerações através da memória e das narrativas históricas que vão sendo recriadas e reelaboradas.

Dentre as festas religiosas que os moradores realizam se destaca o festejo ao padroeiro Sagrado Coração de Jesus, a festa de São Lázaro e as festividades da Semana Santa. Segundo Dona Rita, considerada uma das moradoras mais antigas da comunidade a devoção a santos e santas é passada de geração em geração. O Sagrado Coração de Jesus foi escolhido como padroeiro da comunidade há mais de 140 anos.

O padroeiro foi escolhido a 140 anos. O Sagrado Coração de Jesus é o padroeiro da nossa comunidade, mas antigamente toda família de dentro da comunidade tinha um festejo na sua casa aí a gente juntou toda a comunidade pra dentro da capela. E hoje também as pessoas que festejava Nossa Senhora da Conceição faleceram, que festejavam São José faleceram, mas a gente continua fazendo na comunidade. (LIMA, Rita de. 68)

Os moradores informam que a religião era repassada através da oralidade, uma vez que faltavam documentos escritos, as orações, terços e novenas foram aprendidas pelos antepassados e transmitida aos descendentes que hoje repassam aos mais jovens para que as tradições religiosas da comunidade não se percam. Conforme conta Arnaldo:

A preocupação é de que eles dêem continuidade, assim a gente não deixa eles soltos, chama na sala que a gente está junto para que eles possam ver e dar continuidade e, no dia a dia praticando a gente vem passando através da prática também. Antigamente a gente não tinha nada escrito, mas a gente tá começando a escrever algumas coisas a gente tem CD e DVD de algumas coisas da comunidade já em arquivo pra que a gente um dia quando fizer a viagem (morrer) a gente faça essa viagem tranqüilo e assim como nós continuemos os que estão vão dá continuidade e os que hão de vir também vão dá continuidade. (LIMA, Arnaldo de. 39)

A igreja que existe hoje na comunidade foi construída no ano de 1998, a que existia no início do processo de formação da comunidade ficava distante das moradias e das roças e era muito pequena. A atual é construída em cima de um morro como mostra a imagem.



Imagem 02: Igreja do Sagrado Coração de Jesus – Comunidade quilombola Custaneira no ano de 2014.. Foto: Mairton Celestino.

2.1. Festas religiosas

As comemorações religiosas consideradas mais importantes para os moradores da comunidade são a festa do Sagrado Coração de Jesus, a festa de São Lázaro, e a Semana Santa. Os festejos também coincidem com as festas profanas como o Reisado, a Lezeira e o São Gonçalo. Durante esses festejos nota-se uma grande participação da população de cidades vizinhas, como também de conterrâneos que moram em cidades distantes.

A principal festa é a do Sagrado Coração de Jesus padroeiro da comunidade, comemorada no mês de junho com rezas, terços e novenas. Na ocasião preparam-se pratos da culinária local, organiza-se um leilão para arrecadar fundos para custear as despesas da igreja da comunidade. As atividades encerram-se com a missa eucarística no dia 30 data em que se comemora liturgicamente o dia do Sagrado Coração de Jesus. Durante o festejo os membros da comunidade participam de danças tradicionais como o Reisado a lezeira e o São Gonçalo, transmitidas de geração em geração.

Também no mês de junho os moradores têm a tradição festejam o dia de São Lázaro – protetor dos animais os moradores rezam uma novena em homenagem ao santo e ao termino da mesma é servido um jantar coletivo, cada família trás um alimento para compartilhar, só que este jantar se difere dos demais, por que são os cachorros que se alimentam primeiro e o fazem comendo os mesmos alimentos em pratos como se fossem seres humanos.

A fé e devoção dos moradores da comunidade são fortemente vivenciadas também na Semana Santa. Durante os quarenta dias que antecedem a semana, período conhecido como a quaresma, pode se constatar que nas quartas e sextas-feiras o jejum e abstinência são religiosamente observados, às vezes, até pelas crianças que vão assim voluntariamente aceitando e internalizando as práticas religiosas. Reza-se o terço todas as noites durante o período da quaresma na casa da Dona Rita considerada a matriarca da comunidade.

Durante este tempo os moradores da comunidade mantêm a tradição de não realizarem festas com bebidas alcoólicas, e nem fazerem as rodas com as danças tradicionais, pois consideram que este tempo seja propicio para se relembrem o sofrimento que Jesus Cristo passou no deserto e sua resistência as tentações, de modo que também reflitam sobre suas ações como cristãos e se resguardem dos pecados.

Durante a Semana Santa todos participam dos momentos de oração que acontecem sempre às seis horas da manhã com a alvorada, ao meio-dia e às dezoito horas, horários que

antecedem as refeições, onde rezam as orações de costume: Pai-Nosso, Ave-Marias e Salve-Rainhas e cantam benditos. As pessoas que jejuam durante a Semana Santa fazem as refeições em uma sala separada dos demais, afim de que não se perca o significado do ato de jejuar, que é estar relembando os dias de sofrimento que Cristo passou.

Na sexta-feira penúltimo dia da Semana Santa é realizada a procissão do *Senhor Morto*, onde os moradores da comunidade rememoram a caminhada de Jesus Cristo até o calvário onde ele foi crucificado e morto na cruz. A procissão tem início na casa mais distante da comunidade e se encerra na igreja com a recitação do terço como mostram as imagens abaixo:



Imagem 03: Procissão da Sexta-feira Santa no ano de 2014. Foto: Verônica Sousa



Imagem 04: Chegada da procissão na Igreja no ano de 2014. Foto: Verônica Sousa

A noite é realizado o reisado e a lezeira. Segundo Arnaldo “Sexta-feira Santa sem roda de lezeira não é Sexta-feira Santa na nossa comunidade.” Ele conta que nesse dia “quando nós fazemos no espaço da comunidade de barro e areia, de manhã, fica aquela roda como se os bois tivessem trabalhado em um engenho a noite toda”. Ele diz que onde se roda a roda de lezeira nesse dia o chão ‘afunda’.

Segundo Arnaldo essa tradição surgiu devido os fazendeiros da região terem uma obediência rígida ao catolicismo na Semana Santa. Já os seus ancestrais quilombolas, nesse período, na quinta-feira (última ceia) e principalmente, na sexta-feira (morte de Cristo), ficavam de resguardo do corpo em relação aos excessos como conta o mesmo “Não se varria casa, não se cortava com faca, não fazia nada”. Ele esclarece ainda que “era um dia livre da negrada na senzala”. Assim os negros tinham o dia livre pra fazer a roda de lezeira.

Os moradores começam a se preparar três dias antes para a roda de lezeira, colocando para fermentar milho, doce de rapadura e farinha, ingredientes para fazer a bebida chamada Aluá. Arnaldo explica que é um refrigerante para ajudar na digestão da comida muito gordurosa e pesada que é servida durante a roda de lezeira na Sexta-feira Santa.



Imagem 05: Roda de lezeira – comunidade Quilombola Custaneira no ano de 2014. Foto: Verônica Sousa

Na noite do sábado é realizada a malhação de Judas uma espécie de brincadeira, onde os moradores da comunidade confeccionam um boneco de pano (Judas) e colocam algumas notas de dinheiro dentro, depois o amarram na ponta de uma vara de madeira bem alta. No chão próximo a vara os moradores colocam alimentos, bebidas e animais como bodes, galinhas e patos (pertences do Judas), estes são doados pelos moradores e visitantes. Ao redor fazem uma cerca e duas pessoas com chicotes nas mãos se posicionam dentro do cercado para vigiar os pertences do Judas.

A brincadeira então se dá da seguinte forma os participantes um de cada vez, entram no cercado para pegar algum dos pertences do Judas, os que estão de vigia tentam impedir batendo neles com os chicotes nos invasores. No final quando todos os pertences são levados acontece a derrubada do Judas os participantes com pedaços de madeiras derrubam o boneco que está no alto da vara e quando este cai no chão é rasgado pela multidão que procura as notas de dinheiro escondidas dentro do mesmo. No dia seguinte no final da tarde as crianças da comunidade realizam a mesma brincadeira, só que escondem bombons ao invés de esconderem dinheiro no boneco.



Imagem 06: Boneco representando Judas e brincantes no ano de 2014. Foto: Verônica Sousa



Imagem 07: Cercado com pertences do Judá e vigias no ano de 2014. Foto: Verônica Sousa

2.2. Incelências

A vida e a morte são elementos importantes da religiosidade popular e leiga no Brasil. Revelam a alma religiosa do povo brasileiro, que vive em profunda comunhão com Deus, em quem se deposita uma infinita confiança tanto na vida como na morte. Trazida de Portugal, a sentinela foi enriquecida com as crenças indígenas e africanas. Ganhou a magia dos sentimentos da perda do falecido querido e motivada pelo encontro de amigos e conhecidos, por isso, a sentinela acaba sendo um momento onde se vivencia um misto de dor e alegria. As incelências são um tipo de canto fúnebre, entoadas junto aos moribundos e defuntos, durante toda a noite em sentinelas com o sentido de despertar os moribundos para o arrependimento de seus pecados ou então, recomendar a alma dos entes queridos aos cuidados dos anjos e santos até à entrada no céu.

As incelências estão espalhadas além do Nordeste, por outros Estados do Brasil. Possuem uma melodia simples e despojada, com o predomínio do estilo silábico e os sons repetidos, são cantadas em sua maioria por mulheres conhecidas como *carpideiras* ou *cantadeiras de incelências* e repetidos pelos parentes, amigos e vizinhos.

Segundo Câmara Cascudo (2000) a estrutura das incelências é composta de doze estrofes, o número refere-se ao número de apóstolos de Cristo, idênticas a primeira mudando apenas a marcação numeral do início de cada uma. A execução dessas cantigas é feita sem a utilização de instrumentos, geralmente é iniciada por uma ou mais vozes femininas. Pode ser rezada também em solo, uníssono ou coro.

Os moradores da comunidade quilombola Custaneira tem por tradição cantar as incelências nas sentinelas, que as executa é o representante da comunidade o Arnaldo, nesse caso como se trata de um homem ele é chamado de *puxador de incelências*. Segundo ele uma vez iniciada a execução destas não podem ser interrompidas, nem mudados seus executantes sob a pena do falecido não alcançar a salvação.

A incelência *Bendito das Almas* é uma das cantadas por Arnaldo na comunidade quilombola Custaneira:

Oh Miguel escuta a voz de quem te chama

Vai buscar aquela alma

Há três dias que ela chama

Oh de casa oh de fora
 O inferno estremeceu
 Eu vim buscar essa alma
 Quem mandou foi o meu Deus
 Oh Miguel não seja tolo que esta alma eu não te dou
 Que hoje faz três dias que essa alma aqui chegou
 Nem que faça quinze anos
 Leva três anjos contigo
 Vai buscar aquela alma
 E traga em sua companhia
 Vai ter embora alma bernardo
 Vai feito brasa livre
 Vai dizer ao Pai eterno
 Que de pena tu está livre
 Minha gente venha ver
 Que com o poder de Maria
 Onde eu estava no inferno
 Hoje no céu de alegria
 Em intenção de São Miguel e Coração de Maria.

O Bendito faz menção a encomenda da alma do defunto. O verso *Oh Miguel escuta a voz de quem te chama/ vai buscar aquela alma/ Há três dias que ela chama* evidencia que Miguel seria o anjo a quem se encomenda a pessoa falecida.

Eu vim buscar essa alma quem mandou foi o meu Deus/ Oh Miguel não seja tolo que esta alma eu não te dou./ Que hoje faz três dias que essa alma aqui chegou. Este outro verso mostra o dialogo do anjo com o diabo onde o diabo teria se apoderado da alma do falecido como sendo sua por causa do pecado que o defunto carregava e não queria entregá-la ao anjo.

Nem que faça quinze anos/ Leva três anjos contigo/ Vai buscar aquela alma/ E traga em sua companhia. O verso é a resposta da Virgem Maria ao anjo ao chegar no céu sem a alma.

Vai ter embora alma Bernardo/ Vai feito brasa livre/ Vai dizer ao Pai eterno que de pena tu está livre. Quando a alma é liberada pode então ser conduzida ao céu.

Minha gente venha ver/ Que com o poder de Maria/ Onde eu estava no inferno/ Hoje no céu de alegria/ Em intenção de São Miguel e Coração de Maria. O verso mostra a alegria do defunto ao ser libertado do inferno e ir para o céu e sua fé e devoção.

As incelências se diferem dos benditos tanto por sua estrutura quanto por sua utilização mais restrita estando relacionada a ritos fúnebres em vários momentos desde a hora do falecimento até a hora do sepultamento, a frequência com que esta é executada varia do conforme a vontade dos *puxadores de incelências*. Existe uma canção para cada momento, desde a hora de vestir a mortalha até a hora de sepultar o defunto. Para vestir o morto canta-se a seguinte incelência:

Uma lavadeira uma beija-fulô

Lavando os paninho de Nosso Sinhô

Quanto mais lavava mais sangue corria,

Mãe de Deus chorava; os Judeus sorria.

Duas lavadeira uma beija-fulô

Lavando os paninho de Nosso Sinhô

Quanto mais lavava mais sangue corria,

Mãe de Deus chorava; os Judeus sorria.

(...)

Doze lavadeira uma beija-fulô

Lavando os paninho de Nosso Sinhô

Quanto mais lavava mais sangue corria,

Mãe de Deus chorava; os Judeus sorria.

Ao aproximar-se da hora de levarem o corpo para o cemitério inicia-se o canto das incelências de despedida esse é o momento mais forte da celebração funerária. Uma grande importância mística e atribuída a essa variedade de incelências, afirma-se que a virgem Maria se põe de joelhos desde o início do cântico, levantando-se apenas ao final. Caso este fosse interrompido, isso seria visto como um desrespeito a virgem que seguiria decepcionada e por conta disso a alma, não alcançaria a salvação.

Quando se trata do sepultamento de crianças de colo, conhecidas como “anjinhos”, as incelências de despedida ganham letras mais leves, relatando a ascensão de suas almas ao céu, onde seriam recebidas por Deus como anjos. Nesse caso, as incelências são repetidas apenas nove vezes, e não doze como de costume.

Ó, meu pai, eu vou p’rocéu

Um anjim vai me levando

De tudo vou me esquecendo

Só de Deus vou me lembrando

De tudo vou me esquecendo

Só de Deus vou me lembrando

(...)

Ó, meu pai, eu vou p’rocéu

Nove anjimvai me levando

De tudo vou me esquecendo

Só de Deus vou me lembrando

De tudo vou me esquecendo

Só de Deus vou me lembrando

A partir dessa e outras práticas religiosas presentes no cotidiano da comunidade percebemos a existência um sentimento religioso que não está limitada a uma única doutrina ou prática religiosa, mas forma um conjunto de signos e significados, expressados diariamente, como os terços, as novenas, as missas, os benditos e as incelências. É importante então que busquemos compreender essa devoção através de pessoas humildes que vivem a cultura e religiosidade popular na sua espiritualidade.

Não buscamos compreendê-las por seu contraste ou a tomamos como referência a cultura erudita, letrada ou dominante, de onde poderia ser possível caracterizar o ‘popular’ ou buscar para essa compreensão o público de certas produções e expressões culturais, ou poderíamos até entender o popular como forma cultural pura, social e historicamente tida como pura singular fruto de populações rurais, com pouco ou nenhum contato com o urbano, com a modernização ou com a modernidade, preferimos entender a cultura popular a partir de sua historicidade, singularidade.

O sentimento de fé é expressado, particularmente pela devoção individual ou coletiva da comunidade. Percebemos que a devoção individual não se limita a um único santo, nos altares domésticos da maioria dos membros da comunidade, são encontrados vários santos de devoção, que depende de uma série de motivos, seja por que este realizou algum milagre através de uma promessa ou graças alcançadas por sua interseção ou ainda pela identificação de sua comunidade.

Todo conjunto de significados que para os membros da comunidade são considerados muito importantes, para muitos é visto como algo atrasado, os jovens não querem mais aprender a rezas e canções por acharem que estas estão ultrapassadas, na história da comunidade construindo um processo de identificação que a difere das demais.

Vemos que se tratam de pessoas comuns que constroem sua espiritualidade e devoção mantendo um a liturgia cristã, as participações nas missas dialogam com suas práticas de benzer e rezar, ou seja, eles diante de suas necessidades espirituais e diárias põem significado aos rituais católicos a seu modo. Sendo assim, podemos dizer que o sentimento devocional expresso nas rezas e benzeduras aproxima as pessoas simples a Deus. O jeito simples com que cada um expressa sua devoção e fé através das incelências surpreende e encanta a quem vê.

2.3. O saber Ambiental

A comunidade Custaneira mantém uma relação com a natureza que não é pautada pela tecnologia e pela economia, mas por seu desenvolvimento ecológico-cultural a partir do conhecimento amplo associada a práticas tradicionais herdadas dos antepassados. A diversidade de plantas existentes na comunidade e o importante conhecimento de ervas medicinais propiciam aos moradores o uso de uma medicina alternativa. Nesse sentido Cúellar (1997) ressalta que a relação entre a natureza e cultura deve fundamentar-se no conhecimento tradicional das comunidades autóctones, de forma a incentivar a gestão sustentável dos bens coletivos.

Assim além das tradicionais rezas e benzimentos que através da fé com que são executadas trazem algum reconforto e reforçam a identidade comunitária. Algumas enfermidades são tratadas com a utilização de ervas e raízes medicinais. Dentre essas plantas destacam-se, por exemplo, angico, alecrim, braúna, erva cidreira, hortelã, ritirana, tipi, umbaruna, etc.

Todavia, é importante ressaltar que o uso dessas plantas não é uma forma de recuar-se ao tratamento clínico. Pelo contrario, o emprego da farmacopéia natural é uma forma alternativa de tratar a pessoa que sofra de alguma enfermidade.

2.4. Umbanda

A umbanda é uma religião brasileira formada através de elementos de outras religiões como o catolicismo e o espiritismo juntando ainda elementos da cultura africana e indígena. A palavra é derivada de “u’mbana”, um termo que significa “curandeiro na língua banta falada na Angola, o quimbundo. A umbanda tem suas origens nas senzalas em reuniões aonde os escravos vindos da África louvavam os seus deuses através de danças e cânticos e incorporavam espíritos. Conforme o censo de 2000 do IBGE trazem o total de 1350 adeptos da Umbanda e 100 adeptos do candomblé para todo o estado do Piauí.

A umbanda faz parte da religiosidade da comunidade quilombola Custaneira. A religião foi transmitida pelos antepassados, inicialmente os cultos eram feitos de maneira oculta, por que muitas pessoas achavam que estes se tratavam de rituais satânicos. Os moradores da comunidade temiam ser reprimidos por cultuarem seus deuses e santos. Hoje a religião já é praticada normalmente na comunidade, mas é possível perceber que os umbandistas ainda sofrem discriminação por parte de pessoas de outras religiões.

Existe uma diferença radical entre o catolicismo e a umbanda. Segundo Patrícia Birman:

A umbanda, que cultiva a possessão como algo benéfico, evidentemente, pensa e age diferente. Ao invés de expulsar as entidades sobrenaturais, consideradas necessariamente maléficas pelos cristãos, adota um outro lema: *conviver com elas*. (BIRMAN, Patrícia. 1985, p. 15)

E ainda:

Vemos a diferença radical entre a concepção católica e umbandista. Na primeira, o poder de interferir e ajudar os homens está intimamente relacionado com a moral - quanto mais santo, maior o poder. Já na umbanda, ninguém nega o poder de mediação dos exus, embora ninguém igualmente se arrisque a colocar a mão no fogo pela retidão moral de qualquer umbanda, funcionam separadas. Para se ter contato com forças sobrenaturais não é preciso ser nenhum santo – basta que se reconheça em si mesmo a presença de espíritos e orixás querendo “trabalhar na terra” e incorporar no seu corpo. O umbandista, como fiel de um dos cultos de possessão, é atacado pelas igrejas cristãs por uma série de razões. Todas são, contudo, instrumentalizadas por aquela visão dicotômica entre o Bem e o Mal. (BIRMAN, Patrícia. 1985, p 16)

Os católicos vêm na possessão um compromisso diabólico, onde o umbandista cede seu corpo para espíritos que estes realizem ações através deles, já para os umbandistas a possessão permite um contato mais rápido e mais direto com as forças sagradas. Muitos religiosos se sentem ameaçados, como por exemplo, os padres e pastores, pois eles pretendem ter o direito exclusivo de fazer a mediação entre os homens e o mundo das forças sagradas.

A hierarquia existente na religião católica não faz parte da religião umbandista:

No plano da organização social, a religião umbandista pode ser considerada um agregado de pequenas unidades que não formam um conjunto unitário. Não há, como na Igreja católica, um centro bem estabelecido que hierarquiza e vincula todos os agentes religiosos. Aqui, ao contrário, o que domina é a dispersão. Cada pai-de-santo é senhor no seu terreiro, não havendo nenhuma autoridade superior por ele reconhecida. (BIRMAN, Patrícia. 1985, p. 25-26)

Muitas pessoas da comunidade quilombola Custaneira se consideram umbandistas mas praticam também a religião católica, as diferenças existentes entre as mesmas, não impedem que ambas sejam praticadas, os princípios das duas são respeitados por todos. Há, pois, uma certa unidade na diversidade. Conforme aponta Patrícia Birman:

A diversidade se expressa nas várias e reconhecidas influências de outros credos na umbanda. Encontramos adeptos de umbanda praticam a religião em combinação com o candomblé, com o catolicismo, que se dizem também espíritas, absorvendo os ensinamentos de Kardec e, entre estes, as variações continuam: centros que aceitam determinados princípios do candomblé e excluem outros, que vinculam a uma tradição por muitos ignorada etc. Não há limites na capacidade do umbandista de combinar, modificar, absorver práticas religiosas existentes dentro e fora desse campo fluído denominado “afro-brasileiro”. (BIRMAN, Patrícia. 1985, p. 26-27)

As pessoas acabam combinando a multiplicidade com a unidade, essa combinação se faz presente na forma como os religiosos elaboram a relação dos médiuns com os espíritos e santos de forma que conseguem, apesar da segmentação, reunir todos num mesmo campo religioso.

O simbolismo da umbanda é composto por guias e orixás. Segundo Birman (1985, p. 31) “os orixás são divindades de origem africana, que estariam relacionados com determinados domínios da terra. Os orixás seriam santos que nunca “encarnaram”. Aliados a estes, existem espíritos de várias “linhas”, que se subdividem em “reinos” ou “falanges”. A

autora dá uma classificação retirada do livro *Umbanda de todos nós*, de Martta e Silva (Ortiz, 1978). Essa classificação apresenta um conjunto de santos e orixás divididos em sete linhas que se subdividem em mais sete e assim sucessivamente:

Oxalá	Iemanjá	Xangô	Ogum
Caboclo Urubataão	Cabocla Yara	Xangô-Kaô	Ogum de Lei
" Ubirajara	" Indayá	" Sete Pedreiras	" Yara
" Ubiratã	" Nanã-Burucu	" Pedra-Preta	" Megê
" Aymoré	" Estrela-do-Mar	" Pedra-Branca	" Rompe-Mato
" Guaracy	" Oxum	" Sete Cachoeiras	" Malê
" Guarani	" Iansã	" Agodô	" Beira-Mar
" Tupy	" Sereia do Mar		" Matinata
Oxóssi	Crianças	Pretos-Velhos	
Caboclo Arranca-Toco	Tupãzinho	Pai Guiné	
" Jurema	Ori	Pai Tomé	
" Araribóia	Yariri	Pai Arruda	
" Guiné	Doum	Pai Congo de Aruanda	
" Arruda	Yari	Maria Conga	
" Pena-Branca	Damião	Pai Benedito	
" Cobra-Coral	Cosme	Pai Joaquim	

Imagem 08: *Classificação de Santos e Orixás*. Foto: Verônica Sousa

Os guias são colares que indicam os orixás que um filho-de-santo possui. Segundo Patrícia Birman:

Cada cor se associa a um deles, formando sobre o peito dos mais antigos um enorme volume de contas coloridas. Não é qualquer um que pode exibir uma grande quantidade de guias – o seu número se associa à importância do médium, à sua antiguidade no terreiro, ao seu posto na hierarquia. Dificilmente alguém terá um número de guias maior que a mãe ou o pai-de-santo da casa, que, por princípio, é quem conta com o maior número de espíritos na cabeça. (Birman, Patrícia. 1985, p. 34)

Os espíritos mais conhecidos na umbanda são os cablocos que seriam espíritos de indígenas e estariam mais ligados a natureza, os pretos-velhos que fazem menção à espíritos de ex-escravos africanos que teriam sido grandes feiticeiros e provedores de muita sabedoria e por isso, sabiam se sobressair sob seus senhores e os exus considerados os espíritos que representam força e perigo. Os exus não conhecem princípios nem valores, é identificado pela marginalização. Os exus masculinos podem ser chamados também de Zé Pilintra, figura do malandro e os femininos de pomba-gira, que compõem a imagem da mulher ligada à prostituição.

A religião umbandista possui um caráter de resistência inserida no contexto da escravidão, pois, a umbanda inverte simbolicamente a detenção de poder que são inferiores na sociedade escravista onde normalmente quem detém o poder é o senhor (homem branco), mas a umbanda quebra essa lógica ao apresentar seu poder mágico particular, onde o escravo negro incorpora espíritos que mostram não serem subalternos aos seus senhores. Segundo Patrícia Birman:

O grande trunfo da umbanda é esse – inverte os valores da hierarquia que ordena os espíritos, e esse “menos” em vários aspectos passam a “mais” em outros. O homem branco, imagem ideal colocada no topo da ordem evolutiva, não tem os poderes que possuem seus subalternos. Esses grupos estruturalmente inferiores ganham por meio da inversão simbólica um poder mágico inigualável. (BIRMAN, Patrícia. 1985, p. 46-47)

Assim acontecia também com os rituais de adivinhações que os escravos faziam com frequência nas senzalas nos séculos XVII e XVIII de que fala o autor James H. Sweet. A adivinhação foi uma das práticas religiosas trazidas pelos africanos para o Brasil que mais pode ser praticada durante a escravidão e foi utilizada pelos escravos africanos para conseguirem benefícios por parte dos seus senhores, principalmente por essa prática ser utilizada tanto para prever acontecimentos futuros e desvendar crimes, sendo que através dela era possível descobrir a culpa ou inocência de criminosos, como também revelavam os detalhes íntimos e embaraçosos da vida privada das pessoas.

A religião umbandista existiu na comunidade quando ela ainda era senzala e foi repassada pelos antepassados através da tradição oral e é algo que se faz presente na vida dos moradores da comunidade quilombola Custaneira até hoje como conta Arnaldo:

Desde o início quando ainda eram parteiras que faziam a cura, hoje ainda e muito presente no meio de nós. Sempre a gente tem por conta de acreditar e valorizar aquilo que os antepassados passaram e a gente tem adquirido muitas vitórias e curas por conta da fé. (LIMA, Arnaldo de. 39)

Os cultos são realizados em um salão que não é dentro da comunidade, fica em outra comunidade próxima a ela, chamada Canabrava e conta com 30 participantes ativos e recebe visitantes diariamente. Algumas atividades mais simples relacionadas à prática religiosa, como rezas, benzimentos e banhos são feitos normalmente na comunidade, nas casas dos próprios médiuns.

Para os cultos são utilizados instrumentos musicais como um tambor e um triângulo, as canções, e rezas são feitas de acordo com as necessidades espirituais dos participantes e comemorações festivas, conforme a tradição local. O salão é dirigido atualmente pela mãe de

santo Mãe Maria de 57 anos, que esta à frente do mesmo há 18 anos. Ela fala sobre um dos cultos realizados no salão:

Esse culto é das “quebra das correntes” é na quaresma, todo tempo da quaresma a gente passa quarentena dias né, só, rezando ,fazendo oração tudo, terço a gente reza o terço nas casas, e o tambor é parado ai quando é o sábado de aleluia o certo mesmo era no domingo da ressurreição, mas aqui a gente já tem costume de fazer no sábado aleluia, ai a gente no sábado de aleluia abre as correntes tá tudo parado, preso, ai a gente continua de quinze em quinze dias no sábados a gente trabalha.(Mãe Maria, 57).

A foto abaixo foi tirada no culto, observa-se que no centro existe um poste a mulher encostada no mesmo está em estado de transe ou possessão, ou seja, ela está recebendo um espírito, o poste serve de apoio para ela:



Imagem 09: Salão de Umbanda – Comunidade Canabrava localizada próximo a comunidade quilombola Custaneira no ano de 2014. Foto: Verônica Sousa

No salão acontecem além dos cultos, os acompanhamentos espirituais e seções de banho e benzimentos. Como conta Mãe Maria:

Vem muita gente procurar aqui, pra pedir conselho reza e eu benzer. A benzedura é assim a pessoa veio e ai tá com algum peso né, um corte no corpo, tá de baixo astral ai a gente pega um ramo de arruda ou de guiné , e a gente reza , faz aquela benzedura. Ai a pessoa deita fica concentrada, quando é um jovem uma pessoa nova bota par ficar deitado com os olhos fechados e a gente reza aquela oração. E na mente ou as vezes no livro de

oração . Vem gente pedir pra rezar pra sol na cabeça, pra dor de dente, pra vento caído em criança, pra quebranto. Às vezes até pessoas grandes mesmo tão com mal olhado , a gente benze , faz aquele banho com erva, e eles ficam bom confiando em Deus. (Mãe Maria 57)

Nesse sentido pode-se afirmar que o salão ou terreiro de umbanda como é mais conhecido é um ambiente repleto de superstições, crenças e práticas populares, onde seus membros carregam um sentimento religioso, marcado por hibridismo de crenças e práticas que se aliam as missas e as ervas de benzedura.

Concluí-se, portanto, que a fé e espiritualidade dos moradores da comunidade quilombola Custaneira parecem manifestar-se de uma maneira mais ampla, numa fé mais direcionada a um Deus único e provedor. O Deus que cura doenças, conjuntamente com as plantas nativas e que ajuda nas suas necessidades e em orixás que dão orientações e os revigoram a caminhada.

CAPITULO III - MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA CUSTANEIRA

Dança, música e teatro constituem formas de manifestações culturais que se fazem presente em vários tipos de sociedade e assim como as festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças, o modo de vestir, à comida e o idioma, fazem parte da cultura de um povo. Conforme Santos:

Cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação, ou então de grupos no interior de uma sociedade. Podemos assim falar na cultura francesa ou na cultura xavante. Do mesmo modo falamos na cultura camponesa ou então na cultura dos antigos astecas. Nesses casos, cultura refere-se a realidades sociais bem distintas. No entanto, o sentido em que se fala de cultura é o mesmo: em cada caso dar conta das características dos agrupamentos a que se refere, preocupando-se com a totalidade dessas características, digam elas respeito às maneiras de conhecer e organizar a vida social ou a seus aspectos materiais. (SANTOS, José Luis dos. 1994, p.24)

Cada povo desenvolve sua cultura de acordo com suas características comuns ou nas maneiras de ver e sentir o mundo, levando em consideração as diferentes realidades sociais existentes na sociedade. Portanto, a cultura é abordada também como expressão própria do povo que a cria e a transforma. Segundo Barreto (1997):

A associação da cultura, com todo o seu complexo de expressão o povo que a cria. Nada mais que isto: trocar o efêmero da fantasia, pelo definitivo da história: o fazer, o saber e o pensar da gente brasileira. (BARRETO, L. 1997, p. 58)

A partir da caracterização de uma expressiva diversidade cultural a comunidade quilombola Custaneira revela sua própria existência ao longo da história, produzindo uma comunicação de crenças, tradições valores e riquezas herdados de diferentes povos.

Povos africanos, portugueses e indígenas contribuíram para o surgimento das diversas manifestações culturais que, ao longo das gerações, foram transmitidas e transformadas em cada localidade do Nordeste brasileiro. No Estado do Piauí encontram-se aspectos que possuem origens européias, africanas e indígenas que historicamente formatou o povo brasileiro, possibilitando a seus sujeitos, comportamentos organizações, costumes e relações de visões de mundo.

Essas relações podem ser analisadas na existência de festas de caráter religioso e profano. Padroeiro, santos e deuses, são homenageados nas celebrações, nos rituais, nas danças, nos folguedos, nos costumes, nas canções, cantigas e versos, comemorando e

louvando as diversas formas de trabalho, de vida e de fé. Todas estas se constituem em formas de expressões culturais, que costumeiramente chamamos de folclore. Segundo Barreto (1998):

O folclore é um fragmento do cotidiano longínquo, que se vai contextualizando no tecido social, como uma referência. Logo, é uma ferramenta auxiliar da interpretação dos fatos que em certas circunstâncias mais se equivale a uma chave, que revela ao presente todas as surpresas do passado acumulado. (BARRETO, L.1998, p.)

Rezando, cantando e dançando, o povo vai manifestando, através dos seus movimentos, do seu ritmo, de suas intenções de expressar justiça e injustiça, suas diferenças, alegria e prazer na sua forma mais simples de viver. O povo guarda e demonstra variadas formas de expressão, e através da valorização destas manifestações, os diversos grupos culturais sobrevivem e mantêm-se atuantes. No entanto, há um grande esforço por parte destes grupos, de seus poucos mestres e pessoas que continuam lutando para permanecer ou mesmo conquistar melhores e mais espaços adequados no grande complexo social em que estão inseridos.

A comunidade quilombola Custaneira apresenta uma variedade de grupos que desenvolvem ricas manifestações culturais/ folclóricas, como as danças e celebrações festivas. Dentre essas se destacam: a Lezeira, o Reisado e o São Gonçalo.

Ao trazer a tona os estudos sobre as manifestações culturais da Comunidade Custaneira, evidenciando a sua cultura, a religiosidade e suas festas, é possível entender a construção da identidade social dos seus membros e da comunidade como um todo. Dessa forma a integração em torno das manifestações culturais oferece aos membros da comunidade Custaneira uma estratégia de prevenção quanto aos tempos futuros, como reflexo de reprodução perene da própria história local. A variedade de tradições transmitidas é ampla e inclui vários aspectos, da dança a musicalidade, da história a patrimônio cultural.

3.1. Lezeira: Dançar com o corpo e com a mente

A dança existe como uma expressão própria do ser humano e ao longo dos tempos é possível observar transformações em seus diversos aspectos e relações com o divino, a natureza, com a sociedade e com o próprio corpo, estabelecendo uma comunicação dinâmica e significativa entre os indivíduos.

As danças folclóricas podem ser definidas como:

Dança folclórica é aquela produzida espontaneamente numa comunidade com laços culturais em comum resultantes de um longo

convívio e troca de experiências, ela funciona como fator de integração celebrando eventos de relevo ou simples manifestações de vitalidade e regozijo; ela pode absorver influências diversas e, por vezes até contraditórias [...]. (PORTINARI, Maribel. 1989, p. 268)

É possível observar, através das danças folclóricas, miscigenações estampadas em movimentos do cotidiano de uma gente que produz diversas manifestações corporais. Manifestações influenciadas pela determinação de valores culturais, gerando modificações significativas no comportamento das pessoas, tornando necessárias reflexões e ações que sejam coerentes com a realidade de cada região, e principalmente cada grupo que apresenta características de culturas totalmente diversificadas.

Gonçalves (1994, p.14), afirma que: Cada corpo expressa a história acumulada de uma sociedade que nele marca seus valores, suas leis, suas crenças e seus sentimentos, que estão na base da vida social”. Desse modo, o corpo que dança está completamente envolvido nas relações existentes em uma sociedade cercada de diversos valores, portanto, através da manifestação do pensamento, do sentimento e do movimento, simbolizando, exteriorizando significados, as danças vão deixando marcas ao longo da existência dos corpos que a executam.

Nanni (2001, p. 75) afirma: “A dança folclórica nada mais é do que o efeito das conseqüências destes impulsos gerados por esforços definidos e causados pelos aspectos funcionais de sentir, pensar e agir de uma comunidade.”

Os moradores da comunidade quilombola Custaneira veem nas danças uma forma de manter viva a tradição e os costumes que os identificam como descendentes de quilombolas. Eles a utilizam como forma de festejar seus santos e santas de devoção e principalmente celebrar a vida. Podemos perceber que se trata de uma dança própria de um povo que concentra no seu cotidiano suas melhores técnicas, as quais são adquiridas pelo trabalho no campo, na roça, em casa e que se faz da festa no terreiro, na rua ou mesmo na varanda de casa um grande palco.

Os momentos em que os moradores se reúnem para festejar ou simplesmente “brincar” as rodas de lezeira, Reisado ou São Gonçalo, são muito importantes para eles, pois, se constituem em momentos de partilha entre os amigos e também de repassar para os mais jovens os valores que são cultivados pelas famílias até então na comunidade. Conforme conta Arnaldo:

[...] todas essas atividades cultural que acontecem é uma forma de celebrar a vida, por que , ali naquela casa que convida as pessoas para seu terreiro, pra ter uma roda de São Gonçalo, de Lezeira ou de Reisado, ali se prepara um jantar com comidas típicas apropriadas para aquele dia, com uma bebida que é o aluá e faz aquela festa, aquele banquete, todo mundo come e depois vai brincar na roda até o dia amanhecer e hoje ela tem ajudado principalmente, na questão dos jovens, quando os jovens se envolvem com essas expressões culturais eles valorizam mais a vida e tem um objetivo para o seu crescimento pessoal. (LIMA, Arnaldo de. 39)

Cada uma das danças apresenta um enredo e uma coreografia de pura magia, expressando que a verdadeira forma de ser dançarino é dançando a vida para alcançar um misterioso encanto e um bem viver, e descansar da melhor forma quando a morte lhe vier. As revelações do cotidiano dessas pessoas são apresentadas de diversas formas e proporcionam as mais diferentes interpretações, as emoções são reveladas em cada gesto, em cada verso e especialmente em cada ação.

Para Dantas (1999):

Ao dançar, homens e mulheres não apenas reinventam movimento tempo e espaço, mas transformam-se em personagens, pois, a dança cria um jogo de forças, torna visível no corpo e nos movimentos todo um universo de ações e significados diversos do cotidiano. (DANTAS, 1999, p. 17)

A comunidade quilombola Custaneira, através das danças como Lezeira, Reisado e São Gonçalo apresentadas com ricos e diferentes ritmos, demonstra seu cotidiano de pessoas simples e que são extremamente possuidoras de valores importantes repassados de geração em geração. Contudo, nesse grande universo de percepções, sentidos e significados é possível observar nas danças, de uma forma geral, a grande capacidade dos seres humanos de transformar gestos em histórias e pessoas simples em ricos personagens.

A Lezeira é uma dança secular trazida da África para o Brasil pelos escravos no século XIX. Os negros que viveram e foram escravizados na Fazenda onde hoje está localizada a comunidade, inspirados nas danças, músicas e batucadas africanas criaram um repertório próprio de resistência à escravidão. Portanto, a lezeira pode ser considerada uma negação do eito, ou uma forma de suportar o trabalho escravo, que naquela região foi executada diante das condições mais adversas. Arnaldo conta como a dança passou a fazer parte da história da comunidade:

Nosso povo começou a dançar a lezeira desde que eles chegaram de África eles começaram a dançar a lezeira e eles continuaram cultivando essa lezeira até hoje e quando eles foram libertos da escravidão, eles se

festejava com a roda de lezeira e mostrava a igualdade dentro dessa dança. Por que é uma roda aonde todo mundo se abraça e não exclui ninguém. (LIMA, Arnaldo de. 39)

Esta se trata de uma forma de expressão cultural que possui fortes ligações com outras manifestações culturais das demais comunidades quilombolas do Brasil, mas possui uma originalidade de repertório, ritmo e dança. Uma singularidade que faz da lezeira uma expressão desconhecida em outras regiões e não repetida por outros grupos do Estado do Piauí. Trata-se da junção do trabalho, da religião (de matriz africana) e do profano. Esta pode ser entendida como uma atividade de luta contra à escravidão, ou de resistência às atividades degradantes de extração de palha de carnaúba nos dias atuais.

Ao longo dos séculos a dança vem sendo repassada. Muitos aprenderam a dança desde crianças e dançam até hoje conforme contam Ana Antônia da Conceição 55 e Albertino José de Lima 68 anos:

Eu aprendi brincar desde minina. Quando eu nasci minha mãe já caminhava pra' essas coisa, levava os filho e a gente chegava nos terreiro onde a gente ia aquele movimento ai a gente via e brincava também. E foi aprendendo e continuando a entra no meio dos grande e brincando também e até hoje a gente brinca. (CONCEIÇÃO, Ana Antônia da. 55)

Nas era de 40 eu num brincava ainda num rodava lezeira, mas eu já via. A minha mãe já vinha contando a história da lezeira de mais de ano atrás. Ai eu fui crescendo, já com doze ano eu comecei a pular dentro da lezeira e fui achando bom. Eu já pidia a Deus chega o sábado pra gente brinca a lezeira. (LIMA, Albertino José de. 68)

A roda de lezeira era vista pelos moradores mais antigos como uma forma de aliviar o cansaço do dia de trabalho de extração de palha de carnaúba. Como conta Luiz Ferreira de Sousa 65 anos:

Nóis derrubava palha o dia todo e de noite nós ia pra roda de lezeira. Todo mundo que trabalhava lá ia já tinha o lugar e toda noite a gente ia pra brincar a lezeira até dez, onze hora da noite e ia dormir e de manhã a gente ia trabalhar, puxa palha, de noite ia pra lezeira. Meu compadre perguntava: *Nóis vamo hoje? Vamo!*. Todo dia a gente ia e brincava chega a poeira tava fina dentro do carnaubal. (Risos). (SOUSA, Luiz Ferreira. 65)

A dança é executada no formato de círculo, composto por no mínimo 20 pessoas, sendo obrigatoriamente pares de homens e mulheres chamados de brincantes. No centro ficam os cantadores que puxam os versos que são repetidos pelos brincantes e os tocadores dão som às músicas. Os instrumentos utilizados são pequenos tambores chamados de sudos, um

tambor maior chamado de “tambor da mata”, seus 70 centímetros de diâmetro emitem um som que ecoa longe, o triângulo, o maracá, o pandeiro e a Sanfona.

Num ritmo sincronizado de giros os brincantes trocam de pares, dando movimento ao círculo que não se desfaz em momento algum. Os pares permanecem dançando na roda até o momento desejado, quando saem da roda, outro par pode entrar no seu lugar, no momento que for possível, mas já seguindo o mesmo ritmo sem que a dança seja interferida.



Imagem 10: Roda de Lezeira no ano de 2014. Foto: Verônica Sousa

A dança é cheia de expressões do início ao fim, na formação da roda é possível identificar o círculo como uma expressão inspirada nos rituais e costumes de alguns povos africanos e indígenas, todas as atividades consideradas importantes para estes povos, eram celebrados em forma de círculo denominados mágicos. Acreditavam que através da energia emanada entre as pessoas componentes da roda, os maus e bons espíritos ali permaneciam. Segundo Arnaldo “a lezeira é uma roda onde todo mundo se abraça, não exclui ninguém.”

Os versos cantados nas rodas fazem referência às vivências dos antepassados, aos relacionamentos amorosos, ao trabalho e cotidiano dos escravos.

“Eu tava em pedra fina nas ondas fundas do mar. Sou eu Janaguna sou eu a flor do mar. Era eu e Mariquinha na maior força do mar. Eu venho de longe que iaiá mandou chamar.” O verso faz referência ao tráfico de escravos, onde os negros eram trazidos do

continente Africano em navios para serem escravizados no Brasil. Nos navios os negros traziam consigo sua cultura, suas crenças, seus cantos e sua história e de sua gente e carregava tudo isso dentro da sua alma já que não podia trazer consigo nenhuma bagagem.

A parte “[...] *era eu e Mariquinha na maior força do mar.*”, mostra que a violência sofrida no percurso da viagem é, ao mesmo tempo, suavizada pelo discurso amoroso, onde os negros compartilham com suas companheiras o sofrimento da escravidão. Segundo o autor Robert W. Slenes no texto “*Malungu, ngoma vem!*”, o termo *malungu* significa companheiro de travessia, o autor constata que havia a possibilidade de formação de laços identitários entre os cativos mesmo antes da chegada ao longo da travessia atlântica.

Outra constatação feita pelo autor é que na língua umbundo *malungu* significava companheiro de sofrimento associando o significado dos dois termos podemos dizer que o primeiro representava a travessia para uma nova vida, que se dava por meio de uma morte, já que os escravos africanos de certo modo tinham que reorganizar e reelaborar no novo mundo as crenças e referências culturais da África Central. Já o segundo se refere à experiência de cativo compartilhada entre eles.

“Ô menina diga a teu pai, que eu vou dizer pra teus irmãos, que o beijo que eu te dei eu quero ver quem vai impedi. Eu quero beber água na lagoa do capim. A lagoa já secou, ai meu Deus o que será de mim?”

O trecho do verso “*Ô menina diga a teu pai, que eu vou dizer pra teus irmãos, que o beijo que eu te dei eu quero ver quem vai impedi.*”, evidencia a malícia e a ousadia dos negros que, mesmo sendo privados de liberdade, mantinham o seu jeito de conquistar uma companheira e desafiar os outros escravos.

A saudade do amor que foi embora também é retratada nos versos, como podemos ver no trecho, “*Eu plantei um pé lírio na cacimba de bebe, com sentido nos menino deixei meu lírio morrer, avuou, avuou, canarinho avuador, me jogue do outro lado nos braços do meu amor.*”

O trabalho também é retratado nos versos, como este abaixo:

“Dona Mariquinha eu vim lhe perguntar, como se foi em canaviar? Em canaviar eu fui muito bem eu plantei um pé de cana na rodeira do engenho.” Esse verso, por exemplo, faz

referência a escravos antepassados que antes de chegarem ao Piauí passaram por fazendas que cultivavam a cana de açúcar e onde o trabalho escravo se dava no canavial.

A lezeira é dançada também para festejar o resultado produtivo dos trabalhos realizados, ou seja, a colheita. Arnaldo conta:

Quando a gente trabalha que finda o dia que finda os trabalho ai a gente ta ali livre e a roda de lezeira traz este complemento deste trabalho, dando o prazer e alegria de que a vida é pra ser vivida. (LIMA, Arnaldo de. 39)

O desejo de sair da fazenda e ir para outro lugar também é evidenciado nos versos.

Ô de longe eu vi a serra azul, ô de longe eu vi a serra azuar. De longe eu vi a serra azul, ô de longe eu via a serra azuar.”O verso revela que o negro ao olhar pro horizonte avistava uma serra e imaginava que indo para lá poderia viver livre, ou seja, havia o desejo de sair da fazenda e ir para outro lugar. As serras eram locais muito procurados pelos negros que fugiam das fazendas, pois eram lugares altos onde podiam se esconder e ao mesmo tempo ver os inimigos. Isso evidencia que os negros possuíam estratégias de fuga e de refugio, que muito ajudou na organização dos quilombos.

È importante ressaltar que não apenas a Lezeira mais todas as danças africanas tentam explicar as experiências de corpos negros. No batuque ou no samba esses corpos expressam seus ânimos, energias, histórias do presente e do passado presentes na memória de cada um, crenças e sonhos e relacionam-se com outros corpos e divindades em dinâmico conjunto.

A Lezeira é uma dança onde se expressam todos os sentimentos do corpo e da mente, por que não dizer da alma, os moradores dançam como se estivessem depositando na roda as lembranças, angústias, conquistas e proezas dos seus antepassados, bem como suas vivências cotidianas: seu trabalho, seus relacionamentos, seus anseios seus sonhos e sua alegria de viver. O momento da roda é ocasião de festa para eles, todos brincam se alegram e compartilham juntos sentimentos e emoções.

3.2. Reisado: “A arte de festejar Reis”

O reisado é uma dança inspirada, na festa conhecida em muitas regiões do Brasil como folia de reis, a mesma é uma festa religiosa cuja origem insere-se na tradição herdada dos portugueses que vieram para o Brasil na época da colonização. Esse costume, um aspecto importante da cultura popular brasileira, tem subsistido através dos tempos e é lembrado todo o ano durante os meses de dezembro e janeiro.

Os elementos da origem da folia de Reis remontam à denominada Epifania, a qual compreende a festa que comemora a passagem bíblica em que é relatada a visita dos Três Reis Magos ao Menino Jesus (Filho de Deus); ou seja, a manifestação divina para todos os povos. Religião e fé estão profundamente inseridas nas manifestações das crenças dos devotos. Conforme Durkheim (2000):

A própria idéia de cerimônia religiosa de alguma importância desperta naturalmente a idéia de festa. Inversamente, toda festa, quando por suas origens é puramente leiga, apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim estado de efervescência, às vezes até de delírio que não deixa de ter parentesco com o estado religioso. (DURKHEIM, Emile. 2000, p.456)

Marcados por uma devoção comum a partir da sacralização das figuras dos Três Reis Magos, os moradores da comunidade quilombola Custaneira, realizam dança entoando cantos, gestos e caracterizações que expressam a fé e a devoção aos Santos Reis. Em muitas regiões brasileiras a folia de Reis é realizada no dia 06 de janeiro, no entanto, sendo o reisado uma dança com características desta festa, os moradores realizam a dança durante o ano inteiro a sua maneira e por vários motivos, seja para comemorar a colheita ou apresentações em festejos dentro e fora da comunidade.

O reisado apresentado como forma de manifestação cultural, o que parece para alguns uma desmistificação do sentido religioso da folia de reis, para os moradores significa expressar através da dança e da música seu modo próprio de viver a fé, bem como a resistência das tradições religiosas.

O grupo de Reisado da comunidade quilombola Custaneira é composto pelas cantadeiras de porta (três mulheres), os tocadores de sanfona, pandeiro, tambor e triângulo. Os caretas (quatro homens), a velha do fogo, também representada por um homem, só que com trajas femininos e os demais representam os animais que compõem o figurino: o boi, a burra, o Jaraguá e o lobisomem.

Algo interessante é o fato que os jovens da comunidade fazem parte do grupo, isso é para eles motivo de orgulho, como conta o jovem José Marcos da Silva Pacheco 18 anos:

Eu danço o reisado e represento o velho, que é o que faz palhaçada no reis. O próprio que faz o humor pro povo sorrir (Risos). É um dos principais. Eu gosto muito do reisado por que eu danço desde pequeno, meu avô tirava reis, meus tios meus primos e o Naldinho, que pra mi é como se fosse um irmão, desde pequeno ele me incentivou. Desde os

quatro anos eu acompanhava, mas só entrei quando completei dez anos.
(PACHECO, José Marcos da Silva, 18)

O Reisado é uma dança que possui um caráter de humor e é dividida em várias partes. Tem a chegada, onde as cantadeiras se posicionam na porta da casa onde está será executada e cantam para que os donos da mesma a abra para recebê-los e lhes dar permissão para dançar ou “tirar reis” como preferem chamar. Assim que a porta é aberta as cantadeiras fazem a saudação ao dono da casa, ao qual chamam de “meu amo” e, em seguida pedem permissão para iniciar a dança. A dança segue através de cantorias que são executadas pelos caretas uma de cada vez.

Ao longo da apresentação os personagens vão aparecendo e encenando gestos conforme as canções. O primeiro a aparecer é o velho, depois o boi, a burra, o Jaraguá e o lobisomem um de cada vez. O velho permanece durante toda a apresentação, já os animais permanecem na roda apenas enquanto encenam a canção destinada a eles. A introdução de cada música sempre é feita pelo sanfoneiro que é acompanhado por todos os outros tocadores, dando a base rítmica da cantoria. Os cantadores tem o costume de dobrar o verso, ou seja, repetir a melodia com a mesma letra.



Imagem 11: Reisado - Homens vestidos de caretas no ano de 2014. Foto: Verônica Sousa

O reisado é visto pelos moradores de Custaneira mais como um momento de brincadeira do que de festa religiosa, é tradição, mas é também preservação da cultura popular, da religiosidade e também da fé: elemento que move pessoas comuns que deixam de lado suas rotinas para reviver uma narrativa secular.

3.3. São Gonçalo

A dança de São Gonçalo é também parte integrante das manifestações culturais da comunidade. Essa dança é de origem portuguesa e está presente no Brasil desde o século XVIII, representando os valores religiosos do catolicismo rural do Brasil. Ela faz menção ao santo conhecido como São Gonçalo de Amarante que nasceu em Portugal no ano de 1187, foi membro dos dominicanos e beatificado pelo Papa Júlio II, o santo português faleceu no ano de 1259 e, teve como devoto o rei Dom João III.

O santo Português também conhecido como alegre violeiro se dedicava a salvar prostitutas e teria sido também marinheiro. Segundo Alencar (1998, p. 176)

Foi frade dominicano tendo vivido na cidade de Amarante lá pelos idos do século XIII [...] muito alegre, tocava viola e dançava. Um dia, conhecendo algumas mulheres que eram prostitutas, teve pena delas e quis ajudá-las a mudar de vida e não pecar. Para tal inventou dançar com as mulheres para que esquecessem a vida que levavam.[...] por isso ele foi considerado como um Santo. E em seu louvor se repete a dança até hoje. Consta também que São Gonçalo foi marinheiro. (ALENCAR,1998, p.176).

A crença na existência de milagres realizados por ele se espalhou em Portugal onde também tinha fama de santo casamenteiro. Sua festa era comemorada em duas datas, em janeiro e em julho, festa das “Regateiras”, eram realizadas dentro das igrejas por mulheres que pretendiam se casar. Após sua morte passou a ser além de casamenteiro, protetor dos violeiros e protetor contra enchentes. Abaixo a imagem do santo que fica sob a estante da casa de um dos moradores da comunidade quilombola Custaneira e é usado nas rodas de São Gonçalo.



Imagem 12: Imagem de São Gonçalo no ano de 2014. Foto: Mairton Celestino.

Após ter sido proibida sua realização no interior das igrejas, a Dança de São Gonçalo permaneceu nas zonas rurais e atualmente existe até hoje com um caráter de devoção. Atualmente no Brasil o santo português é representado na forma católica, onde os devotos e leigos realizam o ritual religioso destinado ao pagamento de promessas não mais em forma de festas.

Percebe-se em Custaneira, que os participantes conhecem pouco sobre os registros históricos a respeito de São Gonçalo e da origem da festa, mas através da tradição oral, perpetuam em seus cânticos, fatos que tem a ver com a história real.

Segundo moradores a dança acontece com mais frequência na época das colheitas, quando as famílias pagam suas promessas, mas não há uma data fixa, pois sempre irá ocorrer quando a pessoa que fez a promessa resolver pagá-la. Geralmente, o pagamento de promessa resulta de duas situações: falta de chuva e doença. O pagador de promessa procura o guia da dança, responsável por levar o santo e comunica que quer que estes vão à sua casa para realizar a dança, a ele cabe a responsabilidade de servir um jantar que será oferecida para toda comunidade.

Participam da dança 12 mulheres, chamadas de rodeiras e 4 homens que são os guias. Os instrumentos utilizados são cacos de cuia, pandeiros e sanfona. As rodeiras e guias sempre dançarão paramentados com uma roupa branca e uma fita vermelha amarrada na cintura. A

dança sempre acontece à noite em frente à casa do pagador de promessa e o cenário é composto de um cruzeiro e um altar, tendo aproximadamente 12 metros de distância entre um e o outro. Sob o altar ficam imagens de São Gonçalo e outros santos conforme a vontade do pagador de promessa.

O grupo da comunidade que dança o São Gonçalo dança ao ritmo de diversos cantos do repertório folclórico. Pode-se observar com mais ênfase no grupo o canto que traz uma batucada ritmicamente expressiva, na apresentação o mestre desenvolve a dança através de vozes, de palmas e de diversos toques que elevam o ritmo das movimentações. A música é cantada por todos os componentes do grupo e há diversas formas de ver e sentir as emoções naquelas diferentes vozes.

Tudo é feito de um modo que ocorra integração e comunicação com todo o grupo, por meio de gestos e de movimentos, com o objetivo de alcançar o ritmo coletivo, já que geralmente em uma coreografia, existe a necessidade de se fazer movimentos ordenados no tempo e no espaço. Nesse sentido, é indispensável analisar a importância e a necessidade de reconhecimento dos limites individuais e a importância da afetividade construída durante as atividades dos grupos.

Contudo, a dança de São Gonçalo se caracteriza não somente pelas indumentárias, adornos, mas principalmente pela contribuição histórica em manter viva uma tradição centenária baseada na história oral rica por conservar através das cantigas ao povo africano, Portanto, podemos dizer que, apesar de o São Gonçalo ser uma dança que está dentro da tradição católica, há símbolos, instrumentos musicais e danças que remetem aos ancestrais africanos, demonstrando a presença de forte resistência cultural.

As manifestações culturais da comunidade permanecem ao longo do tempo e nem mesmo a chegada da energia elétrica e demais inovações tecnológicas que acabam oferecendo outras maneiras de entretenimento entre os moradores, fizeram com que os moradores abandonassem seus costumes e tradições Conforme conta Arnaldo:

A comunidade se preocupava quando foi pra energia chegar, mas depois essa preocupação da comunidade foi superada não atrapalha em nada, seja qual for o ato que for acontecer. Na sexta-feira da paixão a gente não usa som, não usa bebida, a gente vem mantendo. Eu acredito que o desenvolvimento da tecnologia hoje não atrapalha a comunidade nem sua cultura que vem sendo mantida até hoje. (LIMA, Arnaldo de. 39)

Contudo, apesar da globalização ser uma realidade, observa-se que ela não consegue homogeneizar as sociedades e eliminar as práticas culturais. Mesmo com o avanço

tecnológico que possibilita a chegada da mensagem midiática nos mais distantes rincões, as culturas tradicionais, mesmo sofrendo alguma alteração, conseguem se manter e fazer com que perpetuem manifestações que, aparentemente, haviam desaparecido. A resistência cultural é percebida na medida em que as comunidades tradicionais, no caso específico, da comunidade Custaneira, ressignificam os seus padrões e manifestações culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa vem reforçar a grande importância de trazer a tona estudos sobre a cultura das comunidades tradicionais existentes no Estado do Piauí. A cultura da comunidade quilombola Custaneira é marcada pela forte relação com a natureza, com o cultivo de sua terra e preservação de sua cultura, religiosidade e memória. Por se tratar de uma cultura oral, esta é repassada na vivência do cotidiano, sendo as festividades culturais e religiosas forma de manter a tradição da comunidade.

È na relação com a terra que a comunidade fortalece sua identidade, é nas rodas de Lezeira, Reisado e São Gonçalo que reproduz sua cultura, que repassa as sementes e as normas de convivência de geração em geração. Foi a partir da terra que a comunidade quilombola Custaneira garantiu desde sua formação seus direitos de liberdade, de manter sua cultura e fortalecer suas raízes africanas e indígenas.

A fartura das festas depende da fartura das roças, da chuva, do trabalho, do suor de homens e mulheres. Ao contrário da cultura hegemônica da sociedade vigente, o trabalho, a fé, a diversão estão intimamente relacionadas e dependentes, demonstrando uma cosmovisão integrada da vida, do homem com a natureza que funda e mantém a constante organização da comunidade.

Se faz importante ressaltar que manter tradições e fortalecer a cultura, preservando valores ancestrais não significa um desejo de manter as comunidades tradicionais "estáticas no tempo". A vida é movimento e dinamismo, assim como o é a cultura. Entretanto como ressalta Carlos Rodrigues Brandão (2004), alguns valores como a solidariedade, a afetividade e a cumplicidade são marcantes na vida dos povos que vivem em comunidades rurais, e esses são valores humanos que merecem ser preservados, compartilhados e espalhados para outros setores da sociedade.

Nas entrevistas ficou evidenciada o sentimento de pertença àquela comunidade e a importância dos laços familiares entre eles, assim como a valorização do trabalho, que além de ser de onde tiram o sustento tiram também os anima. A terra é considerada o alicerce de suas vidas e a religião legitima essas relações por meio de suas crenças e espiritualidade.

O modo de vida dos moradores da comunidade tem uma configuração bastante dinâmica e esta só pode ser compreendida a partir de sua inserção na sociedade como um todo. Isso deve incluir, na atualidade, uma reflexão sobre o espaço que ocupam as comunidades quilombolas na sociedade moderna capitalista, entendendo as relações entre

tradição e modernidade, e como garantir seu direito a perpetuar seus modos de vida sem engessar suas escolhas. A valorização da cultura é um elemento fundamental no reconhecimento das pessoas como *cidadãos de direitos*, conforme previsto na constituição federal.

A escola considerada como uma maneira de se adquirir conhecimento, não deve se distanciar da cultura das populações quilombolas, das suas tradições, da sua maneira de pensar e das suas práticas. Ainda resiste a cultura no cotidiano destas populações, acreditando na possibilidade de sobreviver respeitando os costumes e a cultura do passado e os valores ancestrais, procurando estratégias de desenvolvimento baseadas nestes valores, para garantir uma vida digna.

Através das visitas à comunidade e encontros com os moradores de Custaneira foi possível constatar que através de suas vivências e experiências, essas pessoas aprendem fazendo, praticando, decidindo coletivamente, convivendo, participando politicamente das decisões de sua comunidade, trabalhando, gerando o sustento da família: plantando, colhendo, recendo os filhos que vêm de fora, anualmente.

Entre as ricas experiências dos participantes da pesquisa, quando expressando seus modos de vida, sua religiosidade e suas manifestações culturais, afloraram diversas contribuições para o desenvolvimento da pesquisa. Conclui-se, portanto, que o que move a comunidade estudada – entre tantas outras – são elementos básicos que fazem parte do seu cotidiano: *o trabalho*, que está presente na vida de todos, mesmo com a idade avançada apresentada por alguns moradores; a família que é a base e estrutura que os une por meio dos vínculos afetivos, do grau de parentesco existentes entre si; o território, que é o lugar em que vivem desde que nasceram e que representa para eles o seu passado, presente e futuro, a religiosidade cultuada por meio das crenças, rituais e espiritualidade de cada um e as manifestações culturais que a mantém atuante, e organizada.

Finalizando pensamos que esse estudo não se encerra aqui. Esperamos que sirva de suporte para iniciar uma nova caminhada em busca de maiores diálogos e reflexões sobre a temática, onde o conhecimento siga uma trajetória de mão dupla, na qual todos os envolvidos no processo possam aprender e também ensinar, compartilhando aprendizados e deixando suas marcas na História.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, A. **Danças e folguedos:** iniciação ao folclore sergipano. Aracaju. Secretária de Estado da Educação Desporto e lazer, 1998.
- AMADO, I. **O Grande Mentiroso:** Tradição, veracidade e imaginação em história oral. In: Revista História. São Paulo: Editora Unesp, v. 14, 1995.
- AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Org.). **Usos e abusos da História Oral.** 8 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- AMORIM, C. R. (org.). **Negros do Ribeira:** reconhecimento étnico e conquista do território. São Paulo: ITESP, 1998.
- BARRETO, L. **Um novo entendimento do folclore e outras abordagens culturais.** Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1997.
- _____. **Os vassalos do rei.** Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1998.
- BIRMAN, Patrícia. **O que é umbanda.** São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos. 1985.
- BRANDAO, Carlos Rodrigues. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, Coleção: Primeiros Passos. 28 ed. 1993.
- BRANDAO, Tanya Maria Pires. **Para Além dos Engenhos:** A Escravidão na Colonização do Piauí. 1999.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro.** São Paulo: Global, 2000.
- DANTAS, M. **Dança:** o enigma do movimento. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS, 1999.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa:** o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 2000. [1ª ed. 1912].
- FREITAS, Sônia Maria de. **História Oral:** procedimentos e possibilidades. São Paulo: Humanitas/FELCH/USP, 2002, 145 p.
- GOMES, Flávio dos Santos. **História de Quilombolas:** Mocambos e comunidades de senzalas no Rio de Janeiro, século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- GONÇALVES, M. **Sentir, pensar, agir:** corporeidade e educação. Campinas: Papirus, 1994.
- LE GOFF, Jacques. **A História Nova.** 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

- MARTINS, Gilberto de Andrade. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2006.
- NOVAES, Adenúer. **Religião Pessoal.** Salvador, Bahia: Fundação lar harmonia, 2007.
- NUNES, Odilon. **Pesquisas para a História do Piauí.** Rio de Janeiro. Editora Artenova S. A. 1975.
- PORTELLI, Alessandro. **O Massacre de Civitela Val diChiana**(Toscana: 29 de julho de 1944): Mito, política e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs). Usos e Abusos da História Oral. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996 (106-130).
- PORTELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos:** Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. Revista Tempo, v. 1, nº 2.
- PORTINARI, M. **História da Dança.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- POUTIGNAT, P.; FENART, J. **Teorias da etnicidade:** seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.
- PRICE, Richard. **Reinventando a história dos quilombos:** Rasuras e confabulações. Trad. Gisela Moreau.
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura?** 14ª Ed. (Coleção primeiros passos) - São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes Von, org. PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro. **Educação não-formal:** cenários de criação. Campinas. SP: Editora da Unicamp/ Centro de Memória, 2001.
- SCHIMITT, Alessandra; TURATTI, Maria Cecília Manzoli; CARVALHO, Maria Celina Pereira de. **A atualização do conceito de quilombo:** identidades e território nas definições teóricas. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/asoc/n10/16889.pdf>. Acesso em: 27 de abr. 2014.
- SCHIMIDT, A. et al. 2002
- SLENES, Robert W. **“Malungu, ngoma vem!”:** África coberta e descoberta do Brasil. Revista USP.
- SWEET, James H. **Recrutar África:** Cultura e religião no mundo africano 1441-1770. Tradução João Reis Nunes. Edições 70 LDA. Lisboa – Portugal.
- THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado:** História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ. **Manual de orientação para elaboração da monografia de conclusão de curso.** UFPI – Campus Senador Helvídio Nunes de Barros, curso de História, Picos, 2011.

FONTES ORAIS

CONCEIÇÃO, Ana Antônia da. **Entrevista concedida à Verônica Inês de Sousa.** Comunidade quilombola Custaneira, Paquetá do Piauí -PI, 18/04/2014.

LIMA, Albertino José de. **Entrevista concedida à Verônica Inês de Sousa.** Comunidade quilombola Custaneira, Paquetá do Piauí -PI, 18/04/2014.

LIMA, Arnaldo de. **Entrevista concedida à Verônica Inês de Sousa.** Comunidade quilombola Custaneira, Paquetá do Piauí -PI, 18/04/2014.

Mãe Maria. **Entrevista concedida à Verônica Inês de Sousa.** Comunidade quilombola Custaneira, Paquetá do Piauí -PI, 19/04/2014.

PACHECO, José Marcos da Silva. **Entrevista concedida à Verônica Inês de Sousa.** Comunidade quilombola Custaneira, Paquetá do Piauí -PI, 19/04/2014.

SOUSA, Luiz Ferreira. **Entrevista concedida à Verônica Inês de Sousa.** Comunidade quilombola Custaneira, Paquetá do Piauí -PI, 18/04/2014.

ANEXOS



Imagem da antiga casa grande – Fazenda buritizinho no ano de 2014 Foto: Verônica Sousa



Imagem Plantação de Carnaúbais no ano de 2014 Foto: Mairton Celestino



Imagem paisagem da comunidade quilombola Custaneira no ano de 2014. Foto: Verônica Sousa



Imagem: Roda de Lezeira no ano de 2014. Foto: Verônica Sousa



*Imagem da Comunidade quilombola Custaneira vista de cima do morro no ano de 2014. Foto:
Verônica Sousa*

ENTREVISTAS

COMUNIDADE QUILOMBOLA CUSTANEIRA – PAQUETÁ DO PIAUÍ

Parte I - Formação

ENTREVISTADO: Arnaldo de Lima 39 anos

1. Bom dia Arnaldo, em primeiro lugar eu gostaria de saber como se deu a escolha do nome da comunidade, o nome Custaneira?

ARNALDO: A nossa comunidade ela trouxe o nome pela o local aonde ela foi acentuada é uma região de muita pedra, de muitos morros e os antigos da época considerava esses lugares onde tinha muitas pedrejais e morros chamava-sedecustaneira por conta das pedras. Era terra fraca e o nome recebia por conta do local e da área que era uma área de muita pedra e aí é a origem do nome custaneira por conta da terra.

2. Como foi que surgiu essa comunidade? Mais o menos qual o ano de fundação da comunidade?

ARNALDO: Essa comunidade ela é localizada em volta a várias fazendas que teve na região, pelo século XIX na exploração dos canaviais e nessas fazendas tinha várias senzalas. Aqui teve a fazenda do Buritizinho, que é dentro dessa comunidade, a de Canabrava e a do Araputã. Que era do povo de Raquel. E ali quando a lei aura deu condição aos negro que é vei a lei do ventre livre várias outras leis que foram criadas, os negros começaram a ter uma vida solta, não de liberdade, e foi aqui que eles chegaram. Em 1905 chegava a minha avó pra cá,ela já nascida o pai dela veio pra cá ela sendo nascida aqui, mais ainda sendo senzala da região.Tem ela um festejo com mais de 114 anos, então ela tem aproximadamente uma existência de 150 anos.

3. Como você já citou, os primeiros moradores foram seus bisavós, em seguida a geração da sua avó, mas pelo o que você conhece da história é o numero de famílias que iniciou a formação da comunidade. Você tem uma idéia desse numero? Se eram muitas ou não?

ARNALDO: No inicio era que povoaram aqui foi umas quinze famílias. Não tendo direito a terra esse pessoal não tiveram espaço de garantir que todos ficassem e ai começou deles migrar daqui pra outras propriedades por que na época a terra era terra de Estado, quando o Estadoé demarcou a terra quem apossou-se da terra por ter terra férteis foi vários coronéis e ali não dava espaço pro povo criar, nem plantar pra ter uma renda naquilo era pra ganhar na meia tudo que produzia. E muitos começaram a sair deles continuaram aqui e onde conseguiram terras. O numero de famílias era aproximadamente umas quinze famílias da mesma famíliaseram quinze casas mais a família era uma só.

4. Geralmente em comunidades os laços de parentesco eles são mantidos né, muitas vezes os casamentos são entre primos, entre parentes da mesma família. Essa formação é, esses laços ainda são mantidos na comunidade?

ARNALDO: São, não é diferente, ainda hoje você vê todo mundo é casado com primo, com parente, são tudo da mesma família raramente sai um pra casar fora, ou quando sai pra trabalhar e aí por lá arruma um casamento. Mas os que ficam por aqui é tudo casado é mesmo com os daqui.

5. Qual foi a forma inicial de trabalho pra sobrevivência das famílias da comunidade?

ARNALDO: A lavoura, o cultivo de milho, feijão, mandioca e arroz. Hoje essa sobrevivência é tirada só da sustentabilidade do milho e do feijão, por conta, que o inverno ultimamente vem fraco e não tá tendo mais um inverno favorável para que se cultive a planta de arroz ou até mesmo de mandioca. Mas era tirado tudo do trabalho, tudo que eles consumiam era produzido dentro da comunidade. Plantavam algodões, quando terminavam as colha iam trabalhar a extração da palha de carnaúba na região, por que é um trabalho que ainda é forte aqui no meio de nós.

6. É e a criação de animais?

ARNALDO: Também criava animal de pequeno porte, cabra, ovelha, porco e galinha. E ainda cultivava até hoje. Hoje já tem quem tenha gado mais naquele tempo não. Mas os outros cultivava até hoje.

7. E quanto a religiosidade da comunidade. Existe mais de uma religião?

ARNALDO: Sim. A comunidade ela é católica, foi educada dentro do catolicismo mas tendo sempre as suas crenças na questão das orações, benzimentos de quebranto, de vento caído, de levantamento de espinhela, dor de entruzidade, dor de cabeça. As pessoas que não tinham na época uma medicina feita a base da formação eles usavam a medicina popular. E acreditando também nas orações.

8. Então a gente tem aqui a religião católica e a presença da Umbanda.

ARNALDO: Desde o inicio quando ainda eram as parteiras que faziam a cura, hoje ainda é muito presente no meio de nós. Sempre a gente tem por conta de acreditar e valorizar aquilo que os antepassados passaram e a gente tem adquirido muitas vitórias e curas por conta da fé.

9. Essa igreja que vocês tem aqui ela foi fundada em que ano?

ARNALDO: Essa igreja ela foi fundada em 1998 ela é nova, antigamente era num espaço a distancia de 500 metros daqui lá era uma coisinha bem simplesinha e a gente mudou pra cá, todo mundo morava embaixo no baixão. Ai o acesso era mais difícil, tudo era mais difícil e ai a gente subiu aqui pro alto a gente morava mais perto das roças e ai foi quando aconteceu a mudança em 1988.

10. Qual é o padroeiro?

ARNALDO: O padroeiro foi escolhido a 140 anos. O Sagrado Coração de Jesus é o padroeiro da nossa comunidade, mas toda família de dentro da comunidade que tinha um

festejo na sua casa a gente juntou a comunidade pra dentro da capela. E hoje as pessoas que festejavam Nossa Senhora da Conceição faleceu , que festejavam São José faleceu, E hoje a gente continua fazendo na comunidade.

11. Qual foi o motivo da escolha do Padroeiro Sagrado Coração de Jesus ?

ARNALDO: A minha bisavó já era devota do Sagrado Coração de Jesus e o que nós ficamos desse ponto era só a novena com as trezenas as orações é muito antigas é só isso que a gente conheceu mais a data nós não sabemos por que os livros que tinham acabaram, muita coisa se perdeu. Mas foi o Senhor Raimundo era R. S.S as iniciais dessa pessoa que escreveu essas trezenas na comunidade por nome cipó a era a gente não lembra por que apagou a era, faz muito tempo.

12. Como essa religiosidade vem sendo passada hoje para os mais jovens da comunidade?

ARNALDO: A preocupação é de que eles deem a continuidade, assim a gente não deixa eles solto chama na sala que a gente esta junto para que eles possam dar continuidade e no dia a dia praticando a gente vem passando através da prática . antigamente a gente não tinha nada escrito, a gente tá começando a escrever algumas coisas, já temos CD e DVD de algumas coisas da comunidade já em arquivo pra que a gente um dia quando fizer uma viagem a gente faça essa viagem tranquilo e assim como nós continuemos os que estão vão continuar e os que ão de vim também vão dá continuidade.

13. Como foi que se deu a conquista da terra? Teve uma certa resistência por parte dos donos da propriedade pra que a terra passasse a pertencer de fato as famílias da comunidade?

ARNALDO:Não, a terra foi conquistada através de compra. A gente negociou a terra pelo preço justo, pelo valor que era considerado já da nossa história daqui e a gente conseguiu só que a negação que eles ainda não aceitam é a história de quilombolapor que o povo que eram os co-donos da terra, os bisavós deles tiveram senzalas e quando fala da historia de quilombola nós começa a contar a forma que nossos antepassados eram escravizados por eles ai eles negam eque avos e bisavós deles escravizavam os negros, mas sobre a terra não teve briga.

14. A comunidade é reconhecida como comunidade quilombola perante a Fundação Cultural Palmares? E em que ano foi reconhecida?

ARNALDO: É a comunidade ela é certificada pela certificação de reconhecimento pela fundação cultural palmares é publicada em diário oficial e é tombada no patrimônio histórico imaterial na questão da cultura existente. Ela foi registrada em 2009. Por que a luta da comunidade quilombola no Estado do Piauí começou desde a campanha da fraternidade de 1988 quando a igreja católica pedia perdão pela historia do massacre do povo negro. Ali os negros começaram a se organizar, mas não tinham apoio, como era difícil ficavam os negros gritando dentro de seus próprios territórios, mas no ano de 1996 aconteceu primeiro encontro estadual de comunidades quilombolas em 2000 aconteceu o segundo encontro nacional de comunidades quilombolas em Salvador esse encontro era justamente para defender as

políticas públicas específicas para as comunidades quilombolas daí então a gente criou uma coordenação estadual essa coordenação estadual ela teve um privilégio que junto com o governo Lula que apoiou e criou outras organizações. E ali a gente foi criando e defendendo lei que beneficiava o osso povo e só aí a gente começou a certificar algumas comunidades por que o processo era muito difícil e a gente tava muito longe de Brasília mas a gente hoje temos 548 comunidades quilombolas no estado do Piauí mas só temos 70 certificadas ainda por que o processo é lento e muito democrático. A nossa comunidade hoje ela é certificada.

15. Vocês possuem aqui uma casa de cultura como foi que surgiu a idéia de construir essa casa de cultura e com que objetivo?

ARNALDO: olha a ideia era fortalecer a cultura existente e o ministério da cultura lançou um projeto para pontos de cultura e a gente se inscreveu contando o que tinha, o que fazia e o que desejava ter e dentro desse projeto a gente foi aprovado a proposta da comunidade foi aprovada e o objetivo era conscientizar os jovens para manter a cultura e a tradição do seu povo.

16. Vocês recebem algum apoio financeiro por conta do poder público do município de Paquetá para a questão da sustentabilidade dos projetos culturais existentes na comunidade?

ARNALDO: Não. A gente já fez algumas falas e no final de 2003 fizemos uma audiência pública com as demais comunidades quilombolas e prefeitos dos municípios na câmara de vereadores pra discutir a questão dessa assistência mais infelizmente os municípios ainda não levam em consideração a luta das comunidades quilombolas, mais hoje a gente tá bem maior do dia 28 de abril vai ser chamados todos os prefeitos de municípios que tem comunidades quilombolas para fazer uma agenda anual de atenção e assistência dentro das comunidades quilombolas com o ministério cultural do Estado de Brasília. Então nós não temos assistência por parte do Estado. No governo passado a gente teve mais nesse não conseguimos, estamos aí na esperança de que esse ano seja um ano de mudança e que a gente possa tá conseguindo, mais as pessoas da comunidade não param nenhum momento de estar juntos, de sentar, de planejar e festejar.

17. A Organização para arrecadar recursos pra manter os projetos culturais parte dos membros da comunidade?

ARNALDO: a gente por ser uma comunidade que tem autonomia própria não se deixa levar pelos currais de políticos a gente conseguiu uma chamada pública quilombola pra todas as comunidades quilombolas certificadas pela Palmares é um projeto do governo federal e as comunidades quilombolas é uma pequena ajuda de custo para que as comunidades quilombolas possam cada vez mais garantir sua liberdade e ter uma autonomia própria com uma ajuda de custo no valor de 2.400 por família e um acompanhamento técnico de dois anos, esse acompanhamento técnico é a implanta e Oeiras que está nos assistindo até o final de 2015.

18. Alguns aspectos do desenvolvimento da comunidade no sentido da educação e do lazer

ARNALDO: a comunidade no sentido da educação foi uma comunidade que teve pessoas preocupadas com o aprender a gente sempre busca fora os jovens e crianças daqui

estudam em Santa Cruz por que a gente acredita na educação boa e a gente quer o melhor pros nossos filhos e pros nossos jovens sobre a educação está tranquilo a comunidade tem sim dificuldade, a dificuldade é que algumas crianças precisam sim ir de moto, mais antigamente era bem mais difícil tinha que ir a pé. O lazer da comunidade são os momentos celebrativos, tudo o que acontece aqui já gera uma festa é uma comunidade que sempre celebra a vida e os jovens se sentem feliz participam de atividades fora da comunidade também por que a comunidade é chamada para várias outras comunidades pra outros municípios e até outros Estados, a gente já tem ido e isso faz com que os jovens se sintam valorizados e se sintam felizes em praticar a sua cultura e a única comunidade na região que tem um grupo de reisado, temos até o grupo das crianças também, o grupo de Lezeira, tem a lezeira em várias regiões mais aqui tem o grupo mesmo que faz a lezeira de vários jeitos, e tem a igreja, tem o salão que faz as festas, o poço do jacaré. E são bem respeitados fazem tambor cantam.

19. Sobre o registro da fundação Palmares, qual o processo de reconhecimento da sociedade como comunidade quilombola? Antes de serem registrados enfrentaram alguma dificuldade de reconhecimento perante a sociedade?

ARNALDO: Olha a discriminação e o preconceito ele prevalece até hoje né e o pessoal, povo branco da época os coronéis eles nunca aceitaram o negro como protagonista de sua história, quando nós começamos a se organizar e se aceitar como os negro do tronco e os negro de custaneira tudo bem mais quando começamos a dizer que era negro de comunidade quilombola na mente do povo achavam que a gente ia era tomar a terra deles eles não aceitavam que nós fosse negro de comunidade quilombola, num levantamento histórico da comunidade identificava que minha bisavó foi escrava e que meu pai trabalhou como escravo não na escravidão da senzala do chicote era na escravidão que ainda hoje ainda acontece a dificuldade era maior por parte do povo achar que nós agora ia tomar o espaço mais que nós agora estava tranquilo por que nós cada vez mais tava se orgulhando de ter nossas terras

Parte II - manifestações culturais Manifestações culturais

- 1. Arnaldo eu gostaria que você falasse sobre as manifestações culturais existentes na comunidade quilombola custaneira (São Gonçalo, Reisado, Lezeira, samba de cumbuca) e dissesse qual delas é a tida como a marca registrada da comunidade, ou seja, a que mais identifica a comunidade.**

ARNALDO: Todos esses grupos são importantes pra comunidade mais como em todas as coisas que a gente tem na vida a gente destaca uma e a gente destaca a questão da Lezeira ela é a cara da comunidade sabemos que o São Gonçalo, o reisado, o samba de cumbuca tem a sua importância, mais a lezeira foi que trouxe a comunidade pro lugar que ela chegou hoje a referência cultural que a comunidade é hoje é justamente por conta da lezeira. Todos os grupos são considerados mais a lezeira é destacada dos outros.

- 2. Como é executada cada dança, como é feita, quantas pessoas participam? Quais instrumentos utilizados? Com que frequência são realizadas?**

I - São Gonçalo

ARNALDO: O São Gonçalo é composto pelo um grupo de 12 m e 4 homens em algumas ocasiões a gente pode aumentar o numero de mulheres mais os homens são só

quatro. São dois puxadores. A frequência do São Gonçalo é sempre final de semana e na época das colheitas. São Gonçalo é uma promessa religiosa que as famílias faz, a gente vai com o santo e com o grupo para fazer essa atividade com aquelas famílias. Os instrumentos são pandeiros cacos de cuia e sanfona.

II – Reisado

ARNALDO: O reisado ele é composto por 4 homens que são os caretas, e outros que são o figurino 1 pode ser mulher, o figurino é a burra, o boi, o Jaraguá, o lobisomem e velha do fogo. Tem também as cantadeiras de porta que são as que cantam na porta quando o povo chega. Então o reisado é composto por umas 16 pessoas.

III – Lezeira

ARNALDO: A lezeira é composta por um grupo de no mínimo 20 pessoas os instrumentos usados são o tambor, triângulo, lata e os que são utilizados no reisado também sanfona e pandeiro. Dependendo do local pode entrar mais gente na roda de lezeira além das vinte.

3. Quais os costumes e as tradições que estiveram presentes desde o início da formação da comunidade que estão presentes até hoje?

ARNALDO: Todos os costumes do início da formação da comunidade a gente tenta manter até hoje um dos principais é estar junto das famílias, discutir todas as ações juntos, isso foi que nos fortaleceu a ser uma comunidade organizada hoje, o costume de partilhar contribuir um com o outro nós valorizamos e prevalecemos em nossa comunidade dentro do dia-a-dia, então a troca de experiência, da partilha, quando uma família ta com mais necessidade do que a outra seja qual for espiritual ou material a gente partilha e isso vem fortalecendo a nossa comunidade.

Em outros momentos antigamente costumamos dizer que a comunidade praticava mais os momentos culturais, por que não tinha essa história de clubes, não tinha tanta festa como hoje, até por que o negro não tinha o direito de participar das festas então antigamente a lezeira era todos os sábados, todos os sábados tinha a lezeira, todos os finais de semana tinha roda de São Gonçalo, e ali todas essas atividades cultural que aconteciam era uma forma de celebrar a vida por que ali naquela casa que convidava as pessoas para o seu terreiro para que tivesse uma roda de São Gonzalo, de lezeira ou de reisado ali preparava um jantar com comidas típicas apropriadas para aquele dia, com uma bebida que é bem tradicional na comunidade que é o aluá, e fazia aquela festa, aquele banquete, todo mundo comia e depois ia brincar na roda até o dia amanhecer, hoje ela tem ajudado principalmente na questão dos jovens, quando os jovens se envolvem com essas expressões culturais eles valorizam mais a vida, por que hoje pra juventude ter um projeto de vida e um objetivo para seu crescimento é muito difícil por que o mundo não oferece tantas coisas que assegura a vida dos jovens.

4. Você considera que o avanço da tecnologia contribui para o desaparecimento de alguns costumes e tradições aqui na comunidade?

ARNALDO: a comunidade se preocupava no primeiro momento quando foi pra energia chegar, mais depois essa preocupação da comunidade foi superada não atrapalha em nada, seja qual for o ato que for acontecer. Na sexta-feira da paixão a gente não usa som, a gente não usa bebida, a gente vem mantendo. Eu acredito que o desenvolvimento da tecnologia hoje não atrapalha a comunidade nem sua cultura que vem mantendo ate hoje.

5. Na sua opinião o negro membro de uma comunidade quilombola ele sofre preconceito?

ARNALDO: Olha a gente não podenem dizer que não sofre por que a gente tem visto várias forma de preconceito, mas na comunidade a pessoa pode até esticar o beijo pra um negro sem que ele perceba, mas o negro tem consciência e tem uma auto-estima pra assumir sua negritude ele tem auto-estima e orgulho de ser negro, mas as pessoas em muitas partes no meio da sociedade não aceitam que o negro tem um potencial de vida uma resistência tão grande e por não aceitar o negro dessa natureza eles terminam sendo preconceituoso com o negro.

6. Você sente que os negros da comunidade se reconhecem como negros e assumem sua tradição de maneira orgulhosa?

ARNALDO: Eu vejo hoje na comunidade pessoas batendo no peito e dizendo eu tenho orgulho de ser negro e sou feliz por ser negro e a gente vê pessoas de ente aberta que perguntam pras pessoas da comunidade o que é que a gente faz pra ser quilombola? Isso nos deixa assim orgulhoso de saber que a nossa história a nossa força, a nossa raça vem de um povo que tem uma cabeça erguida e orgulho de viver.

ENTREVISTADO: José Marcos da Silva Pacheco 18 anos

1. Você faz parte dos grupos culturais aqui da comunidade custaneira, queria que você falasse o que isso representa pra você e qual a importância pra você.

MARCOS: no meu entendimento eu me sinto muito feliz de participar desses grupos por que quando a pessoa ta triste junto com os amigos numa roda surge uma energia positiva e eu me sinto feliz de fazer parte desses grupos faço parte da lezeira, reisado, da umbanda e não tenho preconceito e não me sinto culpado por que eu sou negro, muita gente no mundo ainda tem o preconceito, muita gente não respeita, se chegar um branco e um negro numa casa e tiver só uma cadeira o dono da casa não vai oferecer pro negro por que vai pensar que o branco é doutor ou alguma coisa na verdade não pode ser nada disso. Tem quatro anos que eu participo, sou Feliz por fazer o que eu faço aqui na comunidade, por ser negro e gosto muito de participar dos grupos.

2. Pra você o que é a Lezeira? O reisado? Você tem preferência por alguma dessas danças?

MARCOS: É uma brincadeira de rodas com homens e mulheres cada um tem seu par igual na quadrilha só que tem tambor as mulheres ficam cantando e os outros entram no ritmo da dança é uma brincadeira muito boa, dá de brincar até amanhece o dia. (risos). O reisado é uma dança típica que veio de Portugal trazida pelos padres, é uma dança que tem representação dos animais, tem boi pintado, enfeitado com um monte de fita, tem todas as

figuras. A cultura daqui é diferente da de outros lugares, por exemplo a de Picos é diferente daqui por que lá é Bumba-meu,boi, muda a dança o jeito das músicas, o toque. No Maranhão é meu-boi-bumbá já é diferente de outro jeito por que não tem pessoas é só o boi dançando, tem mestre sala, contra mestre e tem o cantador. Eu danço o reisado e represento o velho, que é o que faz a palhaçada no reis. O próprio que faz o humor pro povo sorrir. (Risos) É um dos principais. Na minha opinião eu gosto mais do reisado, por que eu danço desde pequeno, meu avó tirava reis, meu tio, meus primos e Naldim pra mi, é como um irmão desde pequeno ele me incentivou, desde os quatro anos eu acompanhava mais só emntrei quando completei a idade com dez anos.

ENTREVISTADA: MÃE MARIA 57 anos

- 3. Dona Maria eu queria que a senhora falasse um pouco sobre a história da Umbanda, segundo o que a senhora sabe contar e como acontecem as atividades aqui em Canabrava (Povoado próximo da comunidade Custaneira). E também desde quando essas atividades relacionadas ao terreiro de Umbanda acontecem aqui?**

MÃE MARIA: Há muito tempo né, por que desde os nossos pais, eram dos nossos antepassados né, mas ai era oculto, por que tudo a coisa do povo era macumba, era coisa do cão, ai a gente tinha medo, temia, ai andou um velho aqui e pegou, era rezador e ai, bateu o tambor, ai quando bateu o tambor todo mundo caia. E ai desse tempo pra cá a gente tá indo e tá batalhando. Pra mim vem gente de longe, vem gente amarrado, vem gente doido varrido, mas com a graça do Pai, Deus ajuda que alevanta. Já tá com dezoito anos que nós trabalha ai aqui acolá um vem e fica trabalhando também e vai trinta e três médium nessa brincadeirinha, Já saiu vários né e a gente vamos continuando ai.

- 4. Hoje o que eu pude presenciar essa atividade é chamada de “A Quebra das Correntes”. Essas atividades acontecem com que frequência?**

MÃE MARIA: Assim é na quaresma, todo tempo da quaresma a gente passa quarenta dias né, só rezando, fazendo oração tudo, terço a gente reza o terço nas casas, e o tambor é parado ai quando é o sábado de aleluia o certo mesmo era no domingo da ressurreição, mas aqui a gente já tem costume de fazer no sábado aleluia, ai a gente no sábado de aleluia abre as correntes, tá tudo parado, preso, ai a gente continua.

- 5. E durante o resto do ano como essas atividades acontecem?**

MÃE MARIA: De quinze em quinze dias nos sábados a gente trabalha, hoje nóistrabalhemoabrimo as correntes tava tudo fechada e agora só de hoje a quinze dias que a gente continua denovo é de quinze em quinze dias.

- 6. Se alguém Procura vindo de fora vocês tem alguém lá durante o dia pra receber? Onde é que procura?**

MÃE MARIA: Não, assim quem vem procura lá em casa e outras vez na casa de acelino que nós é, tem muito médium mais nós dois somos os cabeças, quando eu saio ele fica ai os outros ajuda em tudo, mais ai o cabeça sempre somos nós dois

- 7. É com muita frequência que as pessoas procuram vocês?**

MÃE MARIA: tem vez que é quase direto, agora mesmo, na quaresma veio bem uns dezoito ou mais,

- 8. Pra senhora o que é a benzedura?**

MÃE MARIA: A benzedura é assim a pessoa veio e ai tá com algum peso né, um corte no corpo, tá de baixo astral ai a gente pega um ramo de arruda ou de guiné que nós chama não é giné é tipi, mais agora na umbanda é guiné, E a gente reza, faz um banho, a pessoa banha, a gente reza oração, faz aquela benzedura. Ai a pessoa deita fica concentrada, quando é um jovem uma pessoa novo a gente bota par ficar deitado com os olhos fechados e a gente reza aquela oração. E na mente ou as vezes nos livro de oração.

9. Os banhos eles são preparados só com ervas tiradas da natureza?

MÃE MARIA: Tem deles que sim, tem muitos tipos, tem a erva cideira que serve pra calmante e serve pra fazer banho, o guiné né, tem vários a comigo ninguém pode, tem outra plantas e muita erva a gente quando tá com dor no corpo a gente basta pegar três folhinhas de hortelã e ermagair na água e banhar que alivia muito.

10. Quais são as rezas que vocês costumam fazer? E para que finalidade são essas rezas?

MÃE MARIA: Pra sol na cabeça, pra dor de dente, pra vento caído em criança, pra quebranto. As vezes até pessoas grandes mesmo tão com mal olhado, a gente benze, faz aquele banho com erva, e eles ficam bom confiando em Deus.

11. Na umbanda é usada uma linguagem diferente para nomear os santos aos quais os umbandistas prestam cultos, você poderia citar alguns desses nomes? E o por que dessa linguagem?

MÃE MARIA: Xangô é São Jorge, Mamãe Oxum é Nossa Senhora da Conceição, Oxossi é São Benedito. Tem muitos outros que a gente diz o nome em outra língua né. É por que assim tudo do povo era do cão, e umbanda era coisa do diabo, era macumba, ai a gente pegou e colocou outros nomes mas como você vê são os mesmos santos né, É São Jorge, São Sebastião que é Oxos.

12. A senhora se sente orgulhosa de ser uma mãe de terreiro de umbanda?

MÃE MARIA: Eu me sinto muito orgulhosa e foi com muito amor e carinho que eu aceitei isso ai e eu não tenho vergonha, e tenho assim quando as pessoas pegam e criticam ainda tem aquela coisa de xingar, dizer que eu sou macumbeira, mas eu estudo, estou estudando, e onde eu vou o povo me chama de mãe Maria. Sinto muito orgulho, já tem dezoito anos que eu trabalho.



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
“JOSÉ ALBANO DE MACEDO”**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
() Dissertação
(x) Monografia
() Artigo

Eu, **Verônica Inês de Sousa**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **COMUNIDADE QUILOMBOLA CUSTANEIRA: REFAZENDO SUA MEMÓRIA PARA CONSTRUIR SUA HISTÓRIA** de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 13 de Maio de 2016.

Verônica Inês de Sousa
Assinatura